

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Yasmin Federici Correa

O Território Vivo: Serviço Social em diálogo com a perspectiva
do Bairro Educador na Favela de Heliópolis

Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social

São Paulo
2025

Yasmin Federici Correa

O Território Vivo: Serviço Social em diálogo com a perspectiva
do Bairro Educador na Favela de Heliópolis

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
banca examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência parcial
para obtenção do título de Bacharelado em
Serviço Social, sob orientação da profª Mestre
Isaura Isoldi de Mello Castanho e Oliveira.

São Paulo

2025

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Correa, Yasmin Federici
O Território Vivo: Serviço Social em diálogo com a
perspectiva do Bairro Educador na Favela de Heliópolis. /
Yasmin Federici Correa. -- São Paulo: [s.n.], 2025.
83p. il. ; cm.

Orientador: Isaura Isoldi de Mello Castanho e Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Graduação em Serviço
Social, 2025.

1. Favela e Comunidade. 2. Território . 3. Cidade
Educadora e Bairro Educador. 4. Serviço Social. I. Oliveira,
Isaura Isoldi de Mello Castanho e. II. Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Trabalho de Conclusão de
Curso para Graduação em Serviço Social. III. Título.

CDD

Banca Examinadora

Prof^ª Mestre Isaura Isoldi de Mello Castanho e Oliveira

Prof^ª Dr^ª Marcia Calhes Paixão

Dedico este trabalho aos meus pais, que construíram as bases para que eu chegasse até aqui. E aos assistentes sociais que fazem da sua profissão um mecanismo de luta na perspectiva de uma sociedade mais justa e construída sob o senso coletivo.

AGRADECIMENTOS

Foram quatro anos de um processo de formação que ainda está em curso, nos seus primeiros engatinhos. Quatro anos de formação que se iniciou muito antes de eu chegar na graduação, marcado por um período de crescimento, amadurecimento, descobertas sobre mundo e ressignificações sobre mim. Penso que esse estudo não foi construído unicamente feito pelas minhas próprias mãos, há uma série de pessoas que contribuem para que eu construa essa jornada. E assim, nada realizo sozinha.

Quero agradecer ao Senhor. A fé, coragem e consistência que Ele derrama diariamente na minha vida foram e são os combustíveis necessários para que eu chegasse até aqui. Ele me abraça todos os dias com sua graça, ternura, amor e esperança para que eu seja uma mera ferramenta dos Teus propósitos. Ele me faz caminhar em pastos verdejantes e segura em minha mão quando o medo e a fraqueza tentam me paralisar. Ele me lembra diariamente que seus olhos atentos e cuidadosos estão sobre mim e, conseqüentemente, minha alma aprende a descansar em Seu abrigo.

O meu obrigada também vai a cada membro da minha família que, desde a minha chegada proporcionam condições e subsídios necessários para que eu realize meus sonhos e construa, tijolo por tijolo, uma vida de profundas experiências, reflexões e saberes. Aos meus pais, Cintia Goreti e Antonio Carlos, que não tiveram as mesmas oportunidades que as minhas, mas como uma flecha que voa mais longe alcanço e ocupo lugares dos quais eles nunca imaginaram estar. Também é por eles que eu sigo.

Grata aos meus professores, que escolheram fazer da educação uma ferramenta de mudança, respondendo minhas dores, acreditando e fortalecendo o meu potencial e me instigando a desbravar o desconhecido. Rita de Cássia – a quem também tenho prazer de chamar de tia -, obrigada por me ensinar a ler e a escrever, foi naquela pequena sala de aula onde tudo começou.

Agradeço àquelas que pude construir os meus primeiros passos no Serviço Social. À Fabiana sempre destemida, à Flávia constantemente atenta, à Bianca coberta de criatividade e à Viviane com seu transbordar de liberdade. Uma equipe com os olhos mirados ao compromisso, resistência e reinvenção.

E como uma sombra feita para descansar, quero agradecer aos meus amigos. Aqueles que chegam de surpresa, sem pedir licença e me fazem perceber que o fardo pode ser mais leve quando decidimos compartilhar nossas lutas. Dos risos às lágrimas de tristeza, são aqueles que escolhemos para peregrinar, correr e andar no caminho da vida. São eles que também me

inspiram e me fazem perceber que não estou só. Em especial à Paloma Ruis, que me mostrou a sua alegria, à Geovanna Celestino que me inspira com sua constância e amadurecimento e à Isabelle Lima com sua vontade de pôr excelência em tudo o que faz.

Para todos, o meu mais sincero obrigada!

“Tu, Senhor, guardarás em perfeita paz aquele
cujo propósito está firme, porque em ti confia.”
Isaías 26:3

RESUMO

CORREA, Yasmin Federici. **Território vivo:** o Serviço Social em diálogo com a perspectiva do Bairro Educador na Favela de Heliópolis.

Este Trabalho de Conclusão de Curso é construído pela pergunta norteadora: qual é a relação entre o Serviço Social e o Bairro Educador? Um estudo que se preocupa em investigar o significado do conceito Favela, explorar o sentido de Território - para além do que a geografia tradicional revela - a fim de compreendê-lo como o lugar da formação de identidade do sujeito e suas lutas. Nesse sentido, esta pesquisa retrata a história de Heliópolis, que hoje se coloca como Bairro Educador, um Território Vivo construído pelas mãos de seus moradores frente às violências ali presentes. Baseando-se em bibliografias já produzidas sobre uma das maiores favelas brasileiras, procurou-se provocar novas reflexões que dessem subsídios diretamente ligados ao Serviço Social, uma vez que constatou-se pouca exploração do conceito – Cidade Educador e Bairro Educador – vinculados à essa área de conhecimento. O assistente social que trabalha na perspectiva do Bairro Educador atua em direção ao seu Projeto Ético-Político em conjunto com a população usuária atendida, o chão de Território que dá direção à sua prática profissional.

Palavras-chave: Favela; Território; Bairro Educador; Serviço Social; Trabalho Profissional.

ABSTRACT

CORREA, Yasmin Federici. **Território vivo:** o Serviço Social em diálogo com a perspectiva do Bairro Educador na Favela do Heliópolis.

This Final Course Project is built upon the guiding question: what is the relationship between Social Work and the Educating Neighborhood? This study investigates the meaning of the concept of Favela (slum), exploring the sense of Territory – beyond what traditional geography reveals – in order to understand it as a place of identity formation and struggle. In this sense, this research portrays the history of Heliópolis, which today stands as an Educating Neighborhood, a Living Territory built by the hands of its residents in the face of the violence present there. Based on existing bibliographies about one of the largest Brazilian favelas, the aim was to provoke new reflections that would provide support directly linked to Social Work, since little exploration of the concept – Educating City and Educating Neighborhood – linked to this area of knowledge was observed. The social worker who works from the perspective of the Educating Neighborhood acts towards their Ethical-Political Project in conjunction with the user population served, the Territory that guides their professional practice.

Keywords: Slum; Territory; Educational Neighborhood; Social Service; Professional Work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Alojamentos provisórios	34
Figura 2 – Mutirão em Heliópolis	36
Figura 3 – Jornal UNAS destaca Caminhada Pela Paz DE 2003	53
Figura 4 – Caminhada Pela Paz, 2024	53
Figura 5 – Serviço Social Baccarelli na Caminhando Pela Paz, 2025	75

LISTA DE SIGLAS

AICE	Associação Internacional de Cidades Educadoras
AME	Ambulatório Médico de Especialidade
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS AD	Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e outras Drogas
CAPS IJ	Centro de Atenção Psicossocial Infanto Juvenil
CCECH	Centro de Convivência Educativa e Cultural de Heliópolis
CCA	Centro para Crianças e Adolescentes
CDCM	Centro de Defesa e Convivência da Mulher
CECCO	Centro de Convivência e Cooperativa
CEU	Centro de Educação Unificado
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IAPAS	Instituto de Administração Financeira de Previdência e Assistência Social
LGBTQIAPN+	Lésbicas, gay, bissexuais, trans, queer, intersexo, assexual, pansexual, não binário.
MSE-MA	Medida Socioeducativa em Meio Aberto
NPJ	Núcleo de Proteção Jurídico Social
SASF	Serviço de Assistência Social à Família
SPVV	Serviço de Proteção Social às Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNAS	União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região
UPA	Unidade de Pronto Atendimento
NEPSAS	Núcleo de Segurança e Assistência Social

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Núcleos que compõem a Favela de Heliópolis	38
Mapa 2 – Território da cidade de São Paulo apontando a Cidade Nova Heliópolis	39
Mapa 3 – Delimitação geográfica do Bairro Educador Heliópolis	64
Mapa 4 – O Território Vivo: Bairro Educador	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA	15
OBJETIVOS DE PESQUISA	16
JUSTIFICATIVA	17
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ESTRUTURA DO TRABALHO.....	18
O CANTO DA FAVELA	21
TERRITÓRIO E HISTÓRIA	28
QUANDO O BAIRRO ENSINA	42
SERVIÇO SOCIAL EM ATUAÇÃO NO BAIRRO EDUCADOR HELIÓPOLIS.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS	79

INTRODUÇÃO

Tema e problema de pesquisa

Pensar sobre o significado da favela na cidade de São Paulo pode ser uma atividade desafiadora, a considerar o cenário fervilhante da vida urbana. Uma cidade construída por diversas mãos, histórias e sujeitos que chegam na grande metrópole com suas perspectivas, sonhos e anseios. Essa amplitude na história de São Paulo cruza com a formação de Heliópolis, hoje considerada pelas organizações de pesquisa, uma das maiores favelas do Brasil. Favela que, ao longo de sua construção, estabeleceu caminhos e estratégias de enfrentamento sobre as violências que a cercavam por meio da educação, uma perspectiva social que rompe com os muros da escola e chega atento às demandas do Território que a circunscreve.

Para além de investigar e desenvolver os significados dos principais categorias de análise norteadoras deste estudo - Favela, Território e Bairro Educador -, a pesquisa preocupa-se em buscar compreender como o Serviço Social se apresenta em Heliópolis. Orientada sob a pergunta norteadora: qual é a relação entre Serviço Social e Bairro Educador? Como as duas categorias de análise se articulam no Território de Heliópolis? Quais contribuições o assistente social carrega em sua construção?

Um estudo norteado pelas experiências vividas no Território e que fomenta novas reflexões acerca dessa temática pouco discutida no âmbito do Serviço Social, como é o caso do conceito Bairro Educador, permitindo que o profissional da área estabeleça subsídios necessários e básicos para sua atuação profissional. Ainda que com as particularidades de cada região, aquilo que foi desenvolvido em Heliópolis pode ser referência de prática e intervenção para outras localidades, no qual o Serviço Social serve como ferramenta de fortalecimento político nesses espaços.

Desenvolver estudos e pesquisas que lidam diretamente com a questão da favela é parte de um processo de desconstrução de estigmas que corroboram para preconceitos direcionados a ela. É possível apontar uma evolução significativa acerca dessa mudanças, sobretudo na intervenção profissional de assistentes sociais que ao longo da história passaram por processos que proporcionaram maturidade intelectual e política; contudo, ainda não foi, o suficiente para eliminação de tais estereótipos e, por isso, faz-se necessário estudos como esse, para construir uma narrativa de luta e potencialidade nesses espaços sem romantizar as expressões de desigualdade ali encontradas.

Os territórios periféricos costumam ser enquadrados dentro do paradigma da ausência, o qual não reconhece estratégias criadas pelas populações deste territórios para lidar com problemas, superar obstáculos, resistir à pressão e desigualdade e produzir novas socialidades e significações. Ocupações urbanas com limitado acesso à infraestrutura, aos serviços públicos e com a predominância de indicadores precários relacionados à saúde costumam ser classificadas como territórios “carentes”, “desfavorecidos” ou “desprovidos”. Esses atributos contribuem para a depreciação simbólica através de discursos disseminados e elaborados pelos meios de comunicação de massa. [...] Nos mesmos territórios que temos esses altos índices de vulnerabilidade social, há também a atuação de diversas organizações e coletivos que atuam para promover melhorias nas condições de vida por meio de iniciativas e ações sociais, educacionais, culturais, melhorias ambientais dentre outras (ADÃO, p.63, 2023).

Compreender a história de Heliópolis é traçar uma trajetória de sujeitos que decidem lutar frente aos desafios e barreiras construídos nas periferias paulistanas, descaracterizando o estigma de falta e necessidade ao passo que o enxerga como potencialidade, à medida que por meio de enfrentamentos e articulação de estratégias criativas e inovadoras buscam a resolução de conflitos, gerando acúmulo de repertório político ao desenvolver respostas de resistência.

Objetivos da pesquisa

Objetivo geral

Compreender a articulação entre o Serviço Social e a proposta de Bairro Educador em Heliópolis.

Objetivos específicos

Enumera-se:

1. Estudar o significado social de Favela/Comunidade em uma metrópole como São Paulo.
2. Conhecer a categoria de análise de Cidade Educadora/ Bairro Educador para apreender sua aplicação.
3. Localizar a história de Heliópolis, a fim de compreender a dinâmica do Território, sua formação e estratégias de enfrentamento e resistência que se concretizou e segue concretizando na comunidade em resposta à violência por dentro da perspectiva das “Cidades Educadoras” e “Bairro Educador”.
4. Discutir e apontar a dimensão e contribuição do Serviço Social na implementação do Bairro Educador.

Justificativa

O interesse pela temática surge principalmente a partir da prática de estágio no Instituto Baccarelli, locus de atuação inserido na Favela de Heliópolis. A região é conhecida e caracterizada como Bairro Educador, uma vez que entende a educação como pilar estrutural para organização de vivências pacíficas no território, em que todos se colocam como agentes responsáveis pelo processo de formação cidadã. Além de ser entendido como principal meio de acesso aos direitos e políticas públicas antes ausentes de uma maneira latente na comunidade, mas que ainda precisa ser melhor aprimorado.

Heliópolis é uma comunidade muito bem organizada, com forte atuação da UNAS - União de Núcleos, Associações de Moradores de Heliópolis e Região, que inicia suas atividades por meio da participação e organização de líderes locais buscando por infraestrutura e educação de qualidade para sua população. A pesquisa se volta para o categorias de Cidades Educadoras/ Bairro Educador, realizando buscas um pouco mais avançadas sobre a temática, sempre fazendo a tentativa de vincular ao Serviço Social; foi possível perceber que o tema ainda é pouco abordado na área resultando em uma discreta produção de estudos.

Para a pesquisadora deste estudo, Heliópolis e Região ao longo de sua infância e adolescência foi seu bairro-dormitório; vivenciava o Bairro Educador em situações e relações bem pontuais já que toda sua trajetória de estudos e formação ficou concentrada em regiões mais afastados, não havia essa apropriação e compreensão fundamentadas e estabelecidas sobre o que essa Favela significava. Depois de dois anos do desenvolvimento desta pesquisa, especificamente em 2024, seus olhos descortinam a possibilidade de não só experimentar, como também absorver com mais sentido e substância o retrato desse lugar. Um movimento pessoal, que deu espaço para se entender como parte daquele Território e um movimento profissional, que permitiu buscar por maturidade no processo de formação ao longo da graduação em Serviço Social e compreender sua perspectiva de Bairro Educador frente às violências ali estruturadas. Assim, motivações pessoais e profissionais dão razão para esse processo investigativo.

Procedimentos metodológicos e estrutura do trabalho

A metodologia empregada consistiu em pensar como o estudo seria elaborado, ou seja, estabelecer qual seria o caminho de chegada ao objetivo do trabalho. Em outras palavras, refere-se ao conjunto de processos que foi empregado na investigação. Considerando isso, a pesquisa foi orientada pelo método científico dialético, que busca um entendimento e interpretação da dinâmica da realidade no qual os fenômenos não ocorrem isoladamente; o objetivo do estudo é exploratório, sob procedimento técnico em fonte documental em uma abordagem qualitativa, analisando aquilo que já foi produzido acerca da temática a fim de construir novas reflexões sobre o arcabouço teórico do Serviço Social, delineando como objeto de estudo a Favela de Heliópolis na cidade de São Paulo que se movimenta na perspectiva da Cidade Educadora/Bairro Educador.

Durante a elaboração e desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso observou-se uma frágil abordagem direta na relação Bairro Educador e o Serviço Social. Isso pôde ser constatado durante a elaboração e desenvolvimento desse Trabalho de Conclusão de Curso, ao realizar o levantamento bibliográfico para fundamentação teórica. Como primeiros passos de busca, foram feitos levantamentos bibliográficos nas seguintes plataformas acadêmicas: Portal CAPES, Revista Temporalis, Scielo e Biblioteca PUC-SP. Com os seguintes resultados:

Pelo Banco Nacional de Teses e Dissertações CAPES, utilizando as palavras-chave “Cidade educadora e serviço social”, foram obtidos 7 artigos. Buscando por “Serviço Social e Favelas”, 11 artigos foram encontrados, com destaque para interesse de leitura em “Saco sem vergonha: a experiência do Serviço Social em práticas de educação popular em saúde com adolescentes no conjunto de favelas da maré”. E ao final, por meio de “Serviço Social e Educação Popular”, 219 produções foram encontradas, com interesse de leitura no texto “Paulo Freire e educação popular na história do Serviço Social brasileiro”.

Através da Revista Temporalis, a busca por “Educação e território” encontrou 3 artigos. Procurando por “Educação e Serviço Social”, foram obtidos 86 artigos, com destaque para o texto “Educação permanente, violência e proteção de crianças e adolescentes”.

Na plataforma Scielo e Periódicos, as procuras por “Serviço Social e Cidade Educadora” e “Serviço Social e Bairro Educador” não encontrou resultados. Já para “Serviço Social e Educação Popular”, 9 produções foram encontradas, com interesse pelo estudo dos textos “Diálogos entre Serviço Social e Educação Popular: reflexão baseada em uma experiência científico-popular” e “Serviço Social e educação popular: diálogos possíveis a partir de uma perspectiva crítica”. Ainda na mesma plataforma, a busca por simplesmente “Cidade

Educadora” gerou 6 resultados, com destaque para o estudo titulado “As crianças e os direitos de cidadania: a cidade como comunidade educadora”.

Por último, realizando buscas na Biblioteca virtual PUC-SP com as palavras “Serviço Social e Cidade Educadora” e “Serviço Social e Bairro Educador” não houve resultados. Já para “Serviço Social e Território” e “Serviço Social e Educação”, 45 produções foram encontradas em cada uma dessas duas buscas.

Algumas buscas acima revelam a inexistência da discussão acerca da Cidade Educadora/ Bairro Educador vinculado à área do Serviço Social. Visto isso, pode ser entendido que o desenvolvimento desse Trabalho de Conclusão de Curso irá contribuir na exploração de tal temática, pensando em como esse campo de estudo pode colaborar na construção do Bairro Educador. Nesse sentido, esta pesquisa pretende colaborar nessa análise e discussão, constantemente orientado pelo pensamento “Qual seria a contribuição do Serviço Social na prática do Bairro Educador?”. Colaborando para a disseminação da relação entre educação e territórios, uma vez que o assistente social precisa estar alinhado à dinâmica de vida do público que atende. Mediar seus direitos também parte da necessidade de resgate às vivências e valorização do cotidiano e histórias das pessoas.

A estrutura deste escrito é desenvolvida ao longo de quatro capítulos. “O canto da favela” é o primeiro capítulo no qual se desenvolveu o conceito de Favela/ Comunidade, a partir da sua origem e formação no Território Brasileiro baseado nos estudos produzidos por Lícia do Prado Valladares com o livro “A invenção da favela: do mito de origem à favela” (2005) e por Jorge Paulino, com sua dissertação de mestrado “O pensamento sobre a favela em São Paulo: uma história concisa das favelas paulistanas”(2007). Além dessas referências, nesse mesmo capítulo é discutida a percepção do conceito segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Em continuidade, o segundo capítulo “Território e História” traz o processo de formação de Heliópolis no contexto de urbanização da cidade de São Paulo, vinculado ao conceito de Território sob a perspectiva do geógrafo Milton Santos, bem como a tese de doutoramento do assistente social Rodrigo Diniz intitulada “Territórios, Classes e Experiências: As dobraduras do espaço e tempo nas trajetórias de vida” e por Marília Santis, professora e educadora que atua em Heliópolis, “De favela a bairro educador: o protagonismo comunitário em Heliópolis”, dissertação de mestrado que resgata sua trajetória histórica.

Para o terceiro capítulo “Quando o bairro ensina” foram abordados os aspectos, princípios e articulação do que se conceitua e como é materializado o Bairro Educador Heliópolis, com referência nos escritos de Laila Sala, “A construção da luta e suas gentes: o

bairro educador de Heliópolis e região” e “A rua é nós! A formação é mobilizadora, a mobilização é formadora”; a co-autora Vânia Siciliano Aieta com o artigo “Princípios Norteadores da Cidade Educadora” e o livro organizado pela Fundação Padre Anchieta “Heliópolis Bairro Educador: por uma articulação intersetorial na comunidade”. E com o intuito de abordar dados quali e quantitativos do cenário atual de Heliópolis, o capítulo também resgata informações da pesquisa “Renda digna em Heliópolis”, produzida pelo grupo de pesquisa De Olho na Quebrada em parceria com a Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Para o quarto e último capítulo deste estudo “Serviço Social em atuação no Bairro Educador Heliópolis”, a preocupação foi a de articular o conceito de Bairro Educador na perspectiva de trabalho do Serviço Social alinhado ao seu Projeto Ético Político, respondendo à pergunta norteadora: Qual é a relação entre Serviço Social e Bairro Educador? Buscou-se desenvolver a ação do assistente social no Território mapeando os serviços que possuem essa figura profissional em atuação. As considerações finais têm o encargo de trazer um panorama geral do que foi desenvolvido por este Trabalho de Conclusão de Curso, instigando a construção de reflexões e futuras movimentações que aprofundem tal temática.

O CANTO DA FAVELA

Meu nome é favela
 É do povo do gueto a minha raíz, becos e vielas
 Eu encanto e canto uma história feliz
 De humildade verdadeira
 Gente simples de primeira
 Salve ela, meu nome qual é?
 Gente simples, jeito simples de favela.
 (Meu nome é favela, 2011).¹

Arlindo Cruz, cantor e compositor de samba e pagode, durante sua carreira não se envergonhou de destacar suas origens, tendo a canção como símbolo e afirmação do que o constitui não só como pessoa, mas também cidadão, da sua identidade de favela. Esse termo é carregado de estigmas, preconceitos, mitos, processos de violência e resistência, lugar da busca pela vida digna, da luta pela sobrevivência.

Cnidoscolus phyllacanthus, é o termo científico biológico para a planta popularmente conhecida como favela, faveleiro, faveleira ou mandioca-brava. Árvore ou arbusto facilmente encontrado nas regiões do Nordeste e Sudeste brasileira. Para além do campo das ciências naturais, o nome popular da planta tornou-se referência como nomenclatura de casas erguidas em morros localizados na cidade de Canudos, coberto por tais arbustos. O fruto é uma cápsula que contém sementes, oleaginosas e alimentícias, semelhantes às sementes de fava.

Diversos estudiosos consideram que as primeiras formações de favela tem uma relação direta com a campanha de Canudos, conflito que envolveu o exército brasileiro e membros da comunidade religiosa liderada por Antônio Conselheiro no estado da Bahia. Seus soldados, após lutarem na região, voltam ao Rio de Janeiro com a finalidade de pressionar o Ministério de Guerra a pagar os soldos que lhes deviam e se instalam no Morro da Providência, considerado um local estratégico já que oculta os olhos daqueles que observam da cidade, além de ser a única possibilidade para aqueles que não tinham para onde ir. O que era de caráter provisório passou a ser alternativa substancial àqueles que não tinham condições de adquirir propriedades. Abreu, citado por Jorge Paulino em seus estudos, menciona que a semelhança entre Canudos e Providência, como também a recordação dos soldados por Canudos, foram fatores que influenciaram a nomeação do território, o então Morro da Favela, já que a mesma

¹ Trecho do samba “Meu nome é favela”, composição de Arlindo Cruz, músico, sambista e um dos grandes nomes da cultura brasileira. Sua música exalta o orgulho da sua vida de subúrbio e favela, como uma celebração às suas raízes e às coisas simples da vida, potencializando a força, resiliência e superação dos desafios que a desigualdade constrói.

vegetação recobria os dois morros. Considerando isso, pode-se entender que as primeiras formações de favelas são fruto de resistência contra o governo da época.

Os principais ocupantes desse espaço eram soldados juntamente com suas famílias e pessoas desalojadas dos cortiços que se localizavam no centro urbano carioca. O século XIX foi marcado por diversas transformações urbanas; a cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil desde 1822, é vista como pólo de concentração de modernidade e avanço e, por isso, local de referência, centro político e sede de grandes agências bancárias para todo o país. Como ter notoriedade e continuar abrigando cortiços? Assim, uma série de demolições e ações higienistas ocorreram para que o centro urbano ficasse “imaculado”, obrigando o deslocamento da população pobre para os morros, tirando das vistas da elite urbana toda a pobreza, antes associada à doenças, violência e perigo, promovendo estratégias higienistas, estigmatizantes e de isolamento. Foi nesse mesmo período que o mercado automobilístico também começa a crescer, o automóvel passa a ser artigo de luxo e *status* na cidade e, conseqüentemente, a prioridade do governo é atender o desejo das classes mais privilegiadas construindo avenidas, ruas e vias para a circulação dos novos veículos, o que levou ao incentivo de deslocamento violento e forçado dessas ocupações à regiões mais afastadas do centro das cidades. Movimento que acontece principalmente na história das favelas paulistanas.

O espaço dos pobres na cidade sofreu um estigma de nascença que não permitiu pensá-lo como algo integrado a ela. Tratava-se da elaboração de um verdadeiro apartheid simbólico. [...] Elaboram-se mitos estigmatizantes que se perpetuam ao longo do tempo impedindo uma reflexão mais aprofundada sobre estes espaços. A própria escolha do termo favela, para ter sido proposital, no sentido de dar a estes espaços um nome que conotasse algo negativo. O termo favela, como já vimos, estava relacionado a um arbusto típico da caatinga nordestina e muito abundante no sertão de Canudos. Era termo que evocava um Brasil “arcaico”, “atrasado”, “rural” e “rebelde”, pois remetia em seu simbolismo, ao sertão nordestino e à campanha de Canudos. Engendrava-se ali, na escolha do termo que designava o fenômeno, a imagem de um espaço apartado da cidade, ainda que dentro dela. Um “enclave rural” na cidade. Ou ainda, o termo favela representava a própria negação da modernização republicana e burguesa que tinha a cidade como símbolo e marca desta modernização [...] (PAULINO, p.26, 2007).

Lícia do Prado Valladares, pesquisadora brasileira referência nos estudos sobre essa temática e que se dedica ao entendimento do fenômeno no território carioca, utiliza o termo Mito de Origem para se referir ao nascimento da favela no país. Em seu livro “A invenção da favela: do Mito de origem a Favela.com”, a estudiosa compartilha que a origem das favelas tem suas primeiras formações de uma maneira dinâmica e simultânea sobre diversas regiões do Rio de Janeiro, a exemplo do Morro de Santo Antônio, Serra Morena e a Favela da Mangueira. Contudo, a autora menciona que a favela do Morro da Providência entra pra história devido à

influência do livro-reportagem “Os sertões” de Euclides da Cunha publicado em 1902 - um dos clássicos da literatura -, obra que narra os acontecimentos da Guerra de Canudos e lido por inúmeros intelectuais da época, passando a ser fonte de estudo e análise de diversas áreas do conhecimento, como Sociologia, História e Geografia. A história de Canudos é intrinsecamente ligada à formação do então Morro da Providência.

O livro de Euclides da Cunha é posterior (1902) ao momento em que o Morro da Providência foi rebatizado como Morro da Favella (1887), mas tal acontecimento teria passado despercebido, e essa palavra não teria alcançado a posteridade que conheceu, sem as imagens fortes e marcantes transmitidas através de Os sertões. Imagens capazes de permitir aos intelectuais brasileiros compreender e interpretar a favela emergente. Isto é que pretendemos deixar bem claro durante a sequência deste trabalho [...] O que tornaria o modelo da favela já estava, portanto, bastante presente no espírito desses intelectuais do Rio de Janeiro, que descobriam tais espaços novos na cidade através do olhar de Euclides da Cunha sobre Canudos. A fonte inspiradora está bastante evidente, não só na geografia como também na forma de representar as suas populações (VALLADARES, p.30, 2005).

Para Valladares, as observações de Euclides da Cunha em seu livro foram fatores influentes no estudo sobre favelas, como ter trazido a especificidade de um processo de crescimento urbano, a topografia de uma região de morros, ausência da propriedade privada do solo, ausência do domínio do Estado, a ordem política sob liderança de Antônio Conselheiro, visto como um perigo e ameaça para a ordem social de toda a região.

Jorge Paulino, mestre em arquitetura e urbanismo, defende em sua dissertação a importância de entender o significado do nome favela e compreender a intenção ideológica que o termo pode carregar, construído de estigmas, preconceitos e intolerâncias.

A nossa insistência na questão do nome favela é porque entendemos que a escolha de um nome, de um sistema de classificação, de um conceito que define e delimita o significado dos fenômenos, se configura em um campo de disputa simbólica. E este aspecto para nós é muito importante, especialmente levando-se em conta aquele momento histórico, em que a cidade vai se transformando no cenário de excelência da luta de classes no Brasil. Mais do que o nome, no caso da favela, elabora-se uma imagem associada a alguns mitos, que estigmatizam um determinado espaço da cidade. [...] formação de um estereótipo (PAULINO, p.30, 2007).

A favela se constrói de forma heterogênea, com características próprias de contextos, histórias, necessidades e pessoas que a constituem, espaço que marca as vivências humanas e expressão da luta de classes no ambiente urbano, como resultados de interesses antagônicos em que um grupo social tenta eliminar e apartar o outro a fim de manter seus interesses ativos. Ainda são diversos os estigmas que se apresentam acerca das favelas e as ideologias sobre elas se configuram como ferramentas que afirmam tais preconceitos. Como apontam os estudos de

Marilena Chauí, a ideologia tem a capacidade de mascarar a essência real da origem dos fenômenos, ou seja, aqueles que constroem e aplicam essas ideias não comunicam com clareza e precisão a gênese dos fatos. Por isso, sem conhecer a história das favelas existe a facilidade de enxergá-la como espaços associados à periculosidade, criminalidade e violência, de um povo habitante que é marginalizado e sentenciado à exclusão, justificando assim estratégias higienizadoras para macular o espaço da cidade.

Atualmente, qual seria então o conceito de favela? Segundo o Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, a favela é o “conjunto de moradias precárias, situado geralmente em morros, onde vive a população de baixa renda dos centros urbanos”. Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Favelas e Comunidades Urbanas, é o termo estabelecido na publicação do Censo de 2022:

Favelas e Comunidades Urbanas são territórios populares originados das diversas estratégias utilizadas pela população para atender, geralmente de forma autônoma e coletiva, às suas necessidades de moradia e usos associados (comércio, serviços, lazer, cultura, entre outros), diante da insuficiência e inadequação das políticas públicas e investimentos privados dirigidos à garantia do direito à cidade. Em muitos casos, devido à sua origem compartilhada, relações de vizinhança, engajamento comunitário e intenso uso de espaços comuns, constituem identidade e representação comunitária. No Brasil, esses espaços se manifestam em diferentes formas e nomenclaturas, como favelas, ocupações, comunidades, quebradas, grotas, baixadas, alagados, vilas, ressacas, mocambos, palafitas, loteamentos informais, vilas de malocas, entre outros, expressando diferenças geográficas, históricas e culturais na sua formação. Favelas e comunidades urbanas expressam a desigualdade socioespacial da urbanização brasileira. Retratam a incompletude – no limite, a precariedade – das políticas governamentais e investimentos privados de dotação de infraestrutura urbana, serviços públicos, equipamentos coletivos e proteção ambiental aos sítios onde se localizam, reproduzindo condições de vulnerabilidade. Estas se tornam agravadas com a insegurança jurídica da posse, que também compromete a garantia do direito à moradia e a proteção legal contra despejos forçados e remoções (IBGE, 2024).

Foi um longo percurso para designar o melhor termo para os territórios de favela. O termo favela apareceu pela primeira vez nas pesquisas oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 1950; dando um salto para 2010 o termo antes utilizado pela organização era “Aglomerado Subnormal”, designado “para um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas etc.) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e/ou densa.” (Sobre a mudança de Aglomerados Subnormais para Favelas e Comunidades Urbanas. Nota Metodológica 01. IBGE). A recente decisão do uso de “Favelas e Comunidades Urbanas” segundo a plataforma Notícias IBGE se preocupa em reconhecer a identidade, pertencimento e não reforçar os estigmas relacionados ao termo. “Favela” acompanhado de “comunidades

urbanas” revela a socialização, organização e vínculo com o território de seus moradores em um espaço em que os direitos historicamente não foram e não são amplamente atendidos. A comunidade formada e articulada indica a união dos favelados no cotidiano.

Atualmente, os critérios para identificar uma favela, segundo o IBGE são: predominância de domicílios com graus diferenciados de insegurança jurídica de posse e, pelo menos, um dos demais critérios: ausência ou oferta incompleta de serviços públicos; predomínio de edificações, arruamento e infraestrutura que usualmente são auto produzidos ou se orientam por parâmetros urbanísticos e construtivos distintos dos definidos pelos órgãos públicos; localização em áreas com restrição à ocupação definidas em legislação ambiental ou urbanística.

Segundo dados do último Censo do IBGE, atualmente são 16.390.815 pessoas residentes em Favelas e Comunidades Urbanas no Brasil, com o total de 12.348 favelas no país. 6.016 delas estão concentradas no Sudeste, região que abriga o maior número de pessoas com 7.111.294 residentes em favelas, equivalente a 43,4% da população. São Paulo é o estado dessa região que se destaca nesse quesito, com 3.123 favelas e 3.630.519 pessoas residentes. Sua capital possui o total de 1.359 favelas e 1.728.265 residentes. Na cidade de São Paulo, Heliópolis e Paraisópolis são as duas favelas que mais se destacam quando há um comparativo desses dados, trazendo então o questionamento: qual seria a maior favela do município? Leticia Gianella, pesquisadora do IBGE e mestre em geografia, compartilha pelo canal de notícias UOL que o resultado varia segundo o ponto de vista adotado. No quesito populacional, sobre a quantidade de residentes, Paraisópolis se destaca com 58.527 pessoas enquanto Heliópolis com o total de 55.583 cidadãos. No quesito extensão territorial, Heliópolis lidera no ranking com 1,2 milhão de m² ocupados contra 331.238 m² para Paraisópolis.

Ainda sobre o conceito, segundo a organização social de pesquisa Observatório das Favelas, a favela é amplamente categorizada por aquilo que não seria ou não teria; nesse sentido um dos maiores objetivos da organização é desmistificar tais construções negativas e o processo de homogeneização desses espaços, como mais uma afirmação para ampliação de seus estigmas. Para o observatório, as favelas são territórios constituintes da cidade “que devem ser reconhecidas pelas suas especificidades sócio-territoriais servirem de referência para a elaboração de políticas públicas apropriadas a estes territórios” (BARBOSA, p.22, 2009).

Em continuidade a tal estudo, no viés sociopolítico, a favela também pode ser compreendida como um espaço territorial onde as políticas básicas não são aplicadas de maneira mais qualificada, sem garantias da efetivação plena de direitos sociais:

“é um território onde a incompletude de políticas e de ações do Estado se fazem historicamente recorrentes sem garantias de efetivação de direitos sociais, fato que vem implicando a baixa expectativa desses mesmos direitos por parte de seus moradores.” (BARBOSA, p.96, 2009).

Na visão sociocultural, é na favela que se concentra a população marginalizada, em sua maioria negros, indígenas e, até mesmo nordestinos quando olha-se para as favelas paulistas, de forte presença e convivência cultural cada vez mais diversa.

“é um território de expressiva presença de negros (pardos e pretos) e descendentes de indígenas, de acordo com região brasileira, configurando identidades plurais no plano da existência material e simbólica. [...] Superando os estigmas de territórios violentos e miseráveis, a favela se apresenta com a riqueza da sua pluralidade de convivências de sujeitos sociais em suas diferenças culturais, simbólicas e humanas.” (BARBOSA, p.97, 2009).

Em consideração ao perfil socioeconômico, buscando compreender as características financeiras que dão condições para que os moradores de favela acessem seus direitos, como por meio de serviços na área de educação, saúde e moradia o estudo aponta que:

“é um território onde os investimentos do mercado formal são precários, principalmente o imobiliário, o financeiro e o de serviços. [...] Há, portanto, distâncias socioeconômicas consideráveis quando se trata da qualificação do tempo/espço particular às favelas e o das condições presentes na cidade como um todo.” (BARBOSA, p.96, 2009).

E por fim, na visão sócio-urbanística, para muitos a favela é um ambiente que foge de uma estética urbana considerada harmoniosa, com altos prédios de luxo, ruas limpas e vias organizadas. A favela rompe com as normas quando o seu espaço é construído pelo povo e para o povo sob as condições materiais que o cercam atravessado pelos processos das mais variadas desigualdades.

“é um território de edificações predominantemente caracterizadas pela autoconstrução, sem obediência aos padrões urbanos normativos do Estado. [...] A favela significa uma morada urbana que resume as condições desiguais da urbanização brasileira e, ao mesmo tempo, a luta de cidadãos pelo legítimo direito de habitar a cidade.” (BARBOSA, p.97, 2009).

Compreender a favela, seu significado e história no Brasil é um movimento contínuo a fim de enxergar as relações, cotidianidade e expressões do local. Um espaço de luta em construção por uma vida digna, daquele que resiste todos os dias às violências do cotidiano, daquele que constrói uma identidade com as marcas de um povo comumente marginalizado,

mas que se levanta para a batalha diária nas conquistas de seus objetivos. Pela palavras de Arlindo Cruz, o jeito simples de favela.

TERRITÓRIO E HISTÓRIA

Eu vim de lá, eu vim de lá, pequenininho
 Mas eu vim de lá, pequenininho
 Alguém me avisou
 Pra pisar neste chão devagarinho
 (Alguém me avisou, 1980).

“Alguém me avisou”, composição de Ivone Lara, sambista, carnavalesca, enfermeira e assistente social, retrata de modo contundente o orgulho de suas origens, de suas raízes, referenciando-se ao lugar onde nasceu. Como um resgate simbólico de respeito e reverência às suas tradições, trajetórias, essência e cultura. Do chão onde pisou, cresceu, criadora de suas relações e responsável por construir sua identidade e convicções, o território como formador de sujeitos.

O conceito Território, pela perspectiva da historiografia europeia ocidental, tem suas origens no final do século XIX com Ratzel², pensador alemão que contribuiu para a consolidação e fundação da geografia, defendendo a ideia de Território como um espaço de intervenção do Estado, no qual exerce poder, soberania e domínio; conceito que deu origem e difundiu as bases para a Geografia Política. Foi nos anos 1970 que algumas mudanças na interpretação desse conceito ocorreram, sob a influência do marxismo; a ideia de Território passou a ser vinculada a questões de classe, raça, gênero e neocolonialismo, dando embasamento para a vertente crítica da Geografia.

Nesse sentido, em concordância com essas mudanças, a concepção de Território não mais se limita única e exclusivamente à ideia de um domínio e controle do Estado. O conceito de Território passa a ser compreendido também como um espaço de vivências, relações, identidade, formador de raízes culturais estabelecidas pelas dinâmicas do cotidiano; um espaço que não fornece unicamente subsídios materiais de sobrevivência, como questões de moradia, mas também espaço da subjetividade, de lutas simbólicas e de resistência.

Alinhado a essa perspectiva, para o geógrafo Milton Santos³ a ideia de Território não se conceitua como um campo aberto literal, o espaço em si, mas só adquire sentido quando há sujeitos que dele se utilizam, com interferência da ação humana em suas relações inseridas no

² Frierich Ratzel, pensador, pesquisador e estudioso alemão, é considerado um dos fundadores da Geografia Política. Geografia Política é uma de suas obras principais, lançado em 1897; como um marco em tal disciplina, analisa o Estado como um organismo que se relaciona diretamente com o território e o utiliza como mecanismo de expansão de seu poder.

³ Milton Santos foi um dos mais importantes intelectuais brasileiros, revolucionando a geografia brasileira a partir da resignificação de conceitos pela própria geografia; sob o viés de um pensamento crítico na busca pela compreensão mais humanista sobre o espaço.

seu cotidiano, permeados pelos desafios, realidades, dinâmicas da vida coletiva e a solidariedade.

O território em si para mim, não é um conceito. Ele só se torna um conceito utilizável para a análise social quando o consideramos a partir do seu uso, a partir do momento em que pensamos juntamente com aqueles atores que dele se utilizam (SANTOS, p. 22, 2022).

Refletir sobre Território é resgatar as experiências pessoais, olhar para a realidade, compreender quem são os responsáveis por formar nossa identidade cultural a partir das condições que nos cercam; é buscar apontar as dinâmicas de poder e desigualdades que permeiam o cotidiano, é contextualizar, é construir estratégias de enfrentamento, é sair do espaço de indivíduo único e indiferente para se enxergar e agir enquanto sujeito da sociedade á qual pertence.

Na vida de todos os dias, a sociedade global vive apenas por intermédio das sociedade localmente enraizadas, interagindo com o seu próprio entorno, refazendo todos os dias essa relação e, também, sua dinâmica interna, na qual, de um modo ou de outro, todos agem sobre todos (SANTOS, p. 122, 2000).

Território é um espaço, um ambiente em que se cria pelas mãos, formas e relações humanas, onde um incide sobre o outro; o amigo, o vizinho, o trabalhador... Assim, segundo os estudos de Diniz⁴ (2021), o Território é o lugar de multidimensionalidades, construído a partir das relações e interações humanas inseridas em seu espaço. O território reúne espaço, tempo e técnica, idéias estritamente relacionais e que fundamentam a cultura, história e economia de um sujeito, grupo ou população.

Ao passo que o homem apresenta necessidades de sobrevivência, ele encontra no trabalho o seu meio de vida para se manter; o trabalho permite ao homem a elaboração de um arsenal de técnicas pensadas - práxis - e a medida que essas técnicas são desenvolvidas, o homem se constitui, se relaciona e se constrói, toma consciência de quem é. O trabalho dá a possibilidade do desenvolvimento humano, não só material, como também subjetivo e social. No espaço em que está inserido, o homem encontra recursos que tornam possível a construção de uma vida mais completa, sendo um processo contínuo e histórico, que não basta em si mesmo mas se estende estabelecendo assim uma relação entre tempo e espaço.

⁴ Rodrigo Diniz é pesquisador, professor e coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas: Cidades e Territórios do Programa de Estudos de Pós-Graduandos em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Utilizando como referência para esse estudo sua tese de Doutorado “Territórios, Classes e Experiências: As dobraduras do espaço e tempo nas trajetórias de vida”, defendida em 2021.

Nesse sentido, o ser humano em sua capacidade teleológica⁵ se depara com suas necessidades, que o movem para a técnica, a técnica o leva ao trabalho, o trabalho constrói sua ontologia, lhe instiga a tomada de consciência e experimentação, a experiência o coloca em relação com o outro, o outro também ocupa esse mesmo espaço, o espaço, por sua vez é transformado, essa transformação é contínua na linha histórica do tempo... e assim, os traços do Território são desenhados em um ciclo infinito.

É sob essa compreensão que podemos destacar o processo de construção-reconstrução dos territórios no solo das relações sociais, que se dá por meio da ontologia do trabalho social, da ação prática humana na criação de respostas às suas necessidades, no tecer de constantes relações de sociabilidades e territorialidades, no intercâmbio entre passado e presente que se materializam em um “chão”, em uma espacialidade material, em determinada temporalidade social. O território é fruto, resultado e síntese do processo de trabalho humano, das relações existentes na mediação da natureza, da criação do mundo social. É uma resposta socialmente construída a partir da necessidade do sujeito para viver, é o espaço natural transformado em espaço social, cheio de saturações históricas (DINIZ, p.55, 2021).

Nessa mesma vertente, Koga (2003)⁶ colabora com a discussão destacando que:

O território também representa o chão do exercício da cidadania, pois a cidadania significa vida ativa no território, onde se concretizam as relações sociais, as relações de vizinhança e solidariedade, as relações de poder. É no território que as desigualdades sociais tornam-se evidentes entre os cidadãos, as condições de vida entre moradores de uma mesma cidade mostram-se diferenciadas, a presença/ausência dos serviços públicos se faz sentir e a qualidade destes mesmos serviços os apresentam como desiguais (KOGA, p.33, 2003).

A autora defende que buscar compreender o chão do Território é passo inicial e fundamental para a construção de políticas, projetos e tomada de decisões governamentais que visem mudanças no cotidiano das pessoas; é no Território que o cotidiano é construído, as movimentações de vida e resistências acontecem, onde as tessituras das desigualdades se revelam, se concretizam de maneira complexa e real. Agir a partir de uma perspectiva territorializada é encontrar as especificidades do espaço em que se pretende atuar e elaborar estratégias de intervenção com mais eficiência e horizontalidade. É nesse espaço que o homem

⁵ Para Marx, a capacidade teleológica é a característica fundamental que diferencia o ser humano de outras espécies, a capacidade que o homem tem de prever em sua mente o resultado de suas ações, característica essa circunscrita em seu processo de desenvolvimento do homem.

⁶ Dirce Koga, professora, pesquisadora e assistente social contribui para a fundamentação teórica em Serviço Social, trazendo suas concepções sobre o conceito de território, planejamento urbano e política de assistência social. Um destaque de sua trajetória acadêmica é a tese de doutorado “Medidas de Cidades: entre territórios de vida e territórios vividos”, que ganhou formato de livro e foi defendido em 2003.

cria novos significados em torno do seu cotidiano. Olhar para o Território é mediar⁷, buscando o singular no universal e suas expressões que se particularizam.

Construir um território também é buscar sua história, história essa que é entrelaçada pelo cotidiano. É no chão do cotidiano que as relações e processos de resistência se constituem, onde encontram-se as práticas políticas, sociais e culturais movidas pela necessidade de sobrevivência, onde a vida acontece, o lugar da experiência. É assim que, diante dessa concepção de Território, pretende-se enxergar e resgatar a história de Heliópolis, locus de pesquisa para esse estudo, interpretando sua história, seu contexto de inserção, dinâmicas e relações construídas, processos de luta, resistência e significados.

Como brevemente citado no capítulo anterior, a história das favelas é desdobrada na formação e destruição dos cortiços. Em São Paulo, ao fim da década de 1890 até meados de 1950, o cortiço foi a forma predominante de moradia para a população empobrecida; eram (são) habitações coletivas precarizadas, ocupadas por diversas famílias ou indivíduos, se configurando como estratégia de realizar manobras ao custo de moradia na cidade. Nessa época, a cidade passava por um forte processo de modernização com a instalação de grandes indústrias - como a Ford - também como receptor de diversos migrantes que vinham sobretudo de zonas rurais em busca de novas perspectivas de trabalho.

Assim como no município do Rio de Janeiro, a cidade de São Paulo foi alvo de uma gama de ações higienistas por parte de governantes, urbanistas e engenheiros que historicamente desaguarão na formação das primeiras favelas da cidade. Um dos principais fatores de formação das favelas paulistanas pode ser entendido com o desenvolvimento do mercado automobilístico.

Na década de 1920 o automóvel passou a ser um dos principais meios de transporte da classe média alta brasileira, competindo pelo espaço com bondes nas ruas estreitas da cidade. Nesse processo uma figura importante é o engenheiro Prestes Maia que desenvolve seu Plano de Avenidas com o propósito de atender às demandas do novo estilo de vida urbano, privilegiando o automóvel. Construir avenidas no centro da cidade que ligassem outros bairros seria mais lucrativo ao governo do estado quando comparada à possibilidade de manter os custos e manutenção nas vias do bonde e sua rede de energia, já que o automóvel oferece maior flexibilidade no deslocamento, com destaque para as principais edificações concentradas no

⁷ Referência a categoria Mediação sob a perspectiva marxiana que busca compreender a realidade por meio do movimento entre o singular-particular-universal, indo para além da imediatez e aparência dos fenômenos no método dialético. No qual o singular é parte daquilo que é universal, e na particularidade é possível apontar as relações desses fenômenos, compreendendo-os de maneira contextualizada.

Anhangabaú e Nove de Julho. Para executar a construção dessas avenidas, inúmeros prédios e cortiços foram demolidos e, como consequência, as famílias foram expulsas de suas casas e se deslocavam para as regiões próximas ao leito de rios, avenidas e terrenos baldios, impulsionando as formações de favelas na cidade.

À medida que as favelas cresciam surgia o incômodo por parte das elites paulistanas, já que o fenômeno passou a ser destaque em grandes veículos jornalísticos e São Paulo perdia seu posto de ser a única grande cidade brasileira sem a presença de favelas; como mencionado por Paulino (2007), o “orgulho cívico” estava ferido. Nesse sentido, a prefeitura encarava a situação de maneira emergencial, o chamado “urbanismo de favela”, com a remoção de barracos e a construção de grandes alojamentos inspirados em Parques Proletários Provisórios, muito característico na cidade do Rio de Janeiro.

Esse processo certamente se entrelaça com a formação de uma das maiores favelas paulistanas: Heliópolis. Que tem sua gênese ao longo da década de 60 com a história de 153 famílias moradoras da favela da Vila Prudente que foram despejadas após a Prefeitura Municipal de São Paulo ter a intenção de realizar obras de infraestrutura na região, construindo anéis viários próximo ao Rio Tamandateí. Ocupando a área que serviria de alojamento provisório construído pelo governo da cidade, a então futura favela se tornou casa permanente dessas e de outras famílias que chegavam no território com a esperança de melhores oportunidades de vida.

Historicamente o que chamamos de Heliópolis, era propriedade de Sílvio Álvares Penteado, filho de um fazendeiro de café e industrial Antônio Álvares Penteado que, após a morte de seu pai passou a administrar os negócios da família, a Fundação Álvares Penteado. Nessa região as famílias de seus empregados eram moradoras, ocupando 36 casas do sítio, conhecida como Vila Heliópolis. Em 1942 a propriedade é comprada pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários com a intenção de construir moradias aos associados, mas tal objetivo nunca se realizou, até que em 1966 Heliópolis é transferida à administração do Instituto de Administração Financeira de Previdência e Assistência Social (IAPAS); nos anos seguintes 420 mil m² são vendidos à Petrobrás e no final dos anos 70, 539 mil metros² passam a pertencer à Companhia de Saneamento Básico (SABESP), com a finalidade de construir uma estação de tratamento de esgoto da região do ABC no estado de São Paulo.

Nesse período, a região ficou conhecida como um grande complexo industrial, pois anteriormente a essas mudanças, seu entorno abrigava pequenas chácaras, com lagoas, campos de futebol e árvores frutíferas, uma região arbórea aproveitada como um espaço de lazer para os trabalhadores do Território. Heliópolis hoje é construída em torno do Córrego Sacomã, o

Ribeirão dos Meninos e o Rio Tamanduateí, e suas principais avenidas são a Almirante Delamare, Comandante Taylor e a Estrada das Lágrimas. A Estrada das Lágrimas é uma das principais ruas que delimitam o Território de Heliópolis, que cruza a região do Sacomã e chega até o início do ABC Paulista. A estrada tem seu início de extensão marcada por uma árvore, a “Figueira das Lágrimas”, considerada por alguns estudiosos como uma das árvores mais antigas da cidade de São Paulo, representativa na história de Heliópolis como aponta Santis (2014);

A Figueira das Lágrimas fica na altura do número 515 da Estrada das Lágrimas. Trata-se de uma árvore importante para a história do Brasil. A placa localizada embaixo da planta diz ser uma *figus microcarpa*, planta original da Ásia, mas na verdade é uma figueira-brava chamada *Ficus gomelleira*, espécie de crescimento lento nativa das matas paulistanas. Perto dela foi plantada uma *figus estrangeira* (*figus benjamina*), que hoje faz companhia à anciã e confunde quem passa em uma só massa verde. Como conta Dona Iara, moradora da casa localizada ao lado, diante desta árvore já passaram mercadores, soldados, viajantes e até os imperadores D. Pedro I e D. Pedro II. Em seu tronco, mães chorosas, pais apreensivos e esposas angustiadas encostaram para ver seus filhos e maridos sumirem estrada adentro rumo à Guerra do Paraguai. A árvore marcava o ponto de despedida para quem descia ou subia a Serra do Mar. Em 1920, o prefeito Firmiano Pinto mandou construir uma mureta com grades ao redor da figueira para protegê-la, onde afixou uma placa de bronze com um poema de Eugênio Egas: “Sou a árvore das lágrimas/E das saudades/Sob a minha sombra/Corações sem número/Separaram-se aflitos.” Em 1952, a árvore recebeu mais uma placa de bronze, afixada no próprio tronco, com os dizeres de Guerra Junqueiro: “Esta árvore não pode ser tocada. Foi semente, embrião de monstro. Alma latente, na terra a germinar. Aspirando num sonho obscuro, vagamente, ao Infinito, à Vida, à Luz Vermelha, ao Ar”. O local onde fica a árvore sofreu e ainda sofre com frequentes atos de vandalismo como pichações e roubos. A placa de bronze que identificava o local como parte da história do Brasil há décadas foi roubada e nunca mais reposta. Atualmente, a Subprefeitura do Ipiranga começou a recuperar o muro ao redor da árvore (SANTIS, p.36, 2014).

Durante o crescimento da favela, diversas mudanças aconteceram. Um importante marco da região e influenciador nesse processo foi a construção do Hospital Heliópolis, inaugurado em 1969, que passou a atender moradores da comunidade e região. A construção do hospital foi um atrativo para a vinda de novos migrantes nordestinos, já que muitos deles tornaram-se os próprios trabalhadores da organização que, posteriormente, permaneceram no local. Nesse processo, os alojamentos construídos pela Prefeitura Municipal de São Paulo abrigaram pessoas vindas de diversas regiões, muitas delas com origem de outras favelas que sofreram despejo e, em menos de 10 anos, a população de Heliópolis já alcançava quase 10 mil habitantes.

[...] inicialmente, esse território foi ocupado pela realocação de famílias deslocadas devido a projetos de obras públicas, que, por um lado, atenderam aos interesses diretos das empresas envolvidas. Por outro, no entanto, eles resultaram em um aumento do valor da terra, beneficiando o setor que lucra com a especulação imobiliária decorrente das melhorias na infraestrutura urbana. Durante esse período, [...], as políticas habitacionais e de desenvolvimento urbano dos governos militares priorizaram principalmente os interesses das forças sociais e políticas associadas ao “circuito

imobiliário”, relegando a um segundo plano os setores médios e baixos da população, cujas necessidades habitacionais foram marginalizadas pelas políticas públicas em vigor (SANTOS, p.108-109, 2024).



Fotografia 1 – Alojamentos provisórios em Heliópolis
Fonte: Acervo UNAS, Museu Heliópolis digital.

A disputa com os grileiros foi um outro empecilho na construção da comunidade, um dos agentes que impediam tais famílias em seu processo de ocupação, já que a intenção desses grileiros era obter lucro sobre um pedaço de terra que não lhes pertencia por meio da cobrança de altos aluguéis. Esse fator, aliado ao enfrentamento da população com a polícia, que também os impedia de se estabelecer no território, expressa as violências vividas pelos moradores da região. Até que em 1979 o IAPAS⁸, Instituto de Administração Financeira de Previdência e Assistência Social, solicita uma reintegração de posse do local sob ações judiciais.

Construir a Heliópolis que se tem hoje historicamente foi e é expressão de luta frente à violência na porta dos moradores, violências das mais variadas dimensões. Primeiro, o ausente apoio e seguridade por parte do Estado, que mantém suas prioridades em atender demandas das empresas e populações elitizadas, transformando a cidade em favor de um interesse que exclui a população mais empobrecida, deixando-a ao relento sob um suporte precarizado. A segunda expressão de violência está na ocupação do território advinda dos próprios grileiros⁹, que sob a lógica de lucro, geravam impedimentos para que esses moradores se instalassem no território,

⁸ O Instituto de Aposentadorias e Pensões eram organizações brasileiras que existiam na década de 1930 e 1960, consideradas umas das primeiras tentativas de organizar a previdência social no Brasil.

⁹ Grileiros, pessoas que atuam por meio de roubo e fraude pela posse de documentos e registros ilegais de pedaços de terra e imóveis, utilizando de força física e ameaças. Sendo um crime de alta lucratividade, o grileiro também pode se envolver em crimes ambientais, como desmatamento, queimadas e garimpo ilegal.

por meio da cobrança de altos aluguéis. Como também, da polícia e sua violência marcada por preconceitos, discriminação e até mesmo, morte.

Como resposta às diversas expressões de violência vividas no local, os moradores se unem enquanto coletivo formando a Comissão de Moradores de Heliópolis no final da década de 1970 com lideranças locais surgindo para representar as demandas do povo. O objetivo da comissão era lutar pelo direito à moradia, à posse da terra e reivindicação por melhores condições de vida da população e melhoria do diálogo com a Prefeitura Municipal de São Paulo; o casal João Miranda e Genésia¹⁰ foram figuras centrais nesse processo. Anos mais tarde, a comissão se torna a União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (UNAS), que hoje se apresenta como uma organização sem fins lucrativos, formada pelo povo e para o povo, que oportunizou a potencialização da voz dos habitantes dessa comunidade. É com essa articulação de moradores que Heliópolis passa a construir os fundamentos de um bairro educador, assunto que será abordado nos próximos capítulos desse estudo. A construção da UNAS também foi possível com a contribuição de outras organizações do Território, como a Igreja Santa Edwiges, a ação política da Igreja Católica que naquele momento olhava e priorizava as questões de justiça social.

Não foi um processo brando, a UNAS Heliópolis tornou-se alvo de diversas ameaças que colocavam em risco sua estruturação; contudo, o senso de coletividade por parte dos moradores foi vital para que a organização de Heliópolis se fortalecesse; a partir desse alinhamento diversas demandas do povo foram atendidas, materializadas em infraestrutura à população, como a implantação dos programas pró-água e pró-luz que liga os domicílios da favela à rede pública de água e energia; a construção do posto de assistência médica em 1982 posteriormente transformado em um Ambulatório Médico de Especialidades, conhecido como Ame Barradas e a implantação de serviço de coleta de lixo na região.

¹⁰ Importante destacar que nesse processo de luta, a ação e participação feminina foi substancial para formação da Favela de Heliópolis, Genésia é uma das representações desse fortalecimento, enfrentando não só as violências estatais ali refletidas, mas também se apresentava ao combate da cultura machista nas relações do Território. Como articula o artigo “Garantindo direitos e transformando vidas em Heliópolis: as lutas das mulheres e as políticas para crianças e adolescentes” (2022), de Mariana Maria da Silva e o documentário Retratos de Genésia (1993).

Melhorias aconteceram, mas a luta continuava. A população seguia reivindicando seus direitos por moradia de qualidade, educação e infraestrutura; era comum os próprios moradores realizarem mutirão para a construção de suas casas. Só em março de 1991 a primeira creche é inaugurada, na histórica rua da Mina Central, que leva esse nome em referência a mina onde muitas mulheres buscavam água e se encontravam para as primeiras reuniões que discutiam propostas de melhorias de vida para o local, especialmente serviços de habitação, saúde e educação. Somente em 2006, Heliópolis é reconhecida como bairro, batizado de Cidade Nova Heliópolis.



Fotografia 2 - Mutirão em Heliópolis.
Fonte: Acervo UNAS, Museu Heliópolis digital.

A rádio foi o principal mecanismo de comunicação para alinhar e despertar os moradores às demandas da favela que, antes mesmo de sua legalização - que ocorreu somente em 2006 - foi instalada com o propósito de engajar a participação da comunidade, gerando assim um espaço para o debate político. A rádio teve seu início em 1992, por meio de treze pontos de instalação de cornetas que unificassem toda região; essas cornetas durante três horas diárias anunciavam ao público diversas informações sobre a comunidade, como notícias, relatos, demandas do Território e chamamentos para os mutirões e reuniões locais.

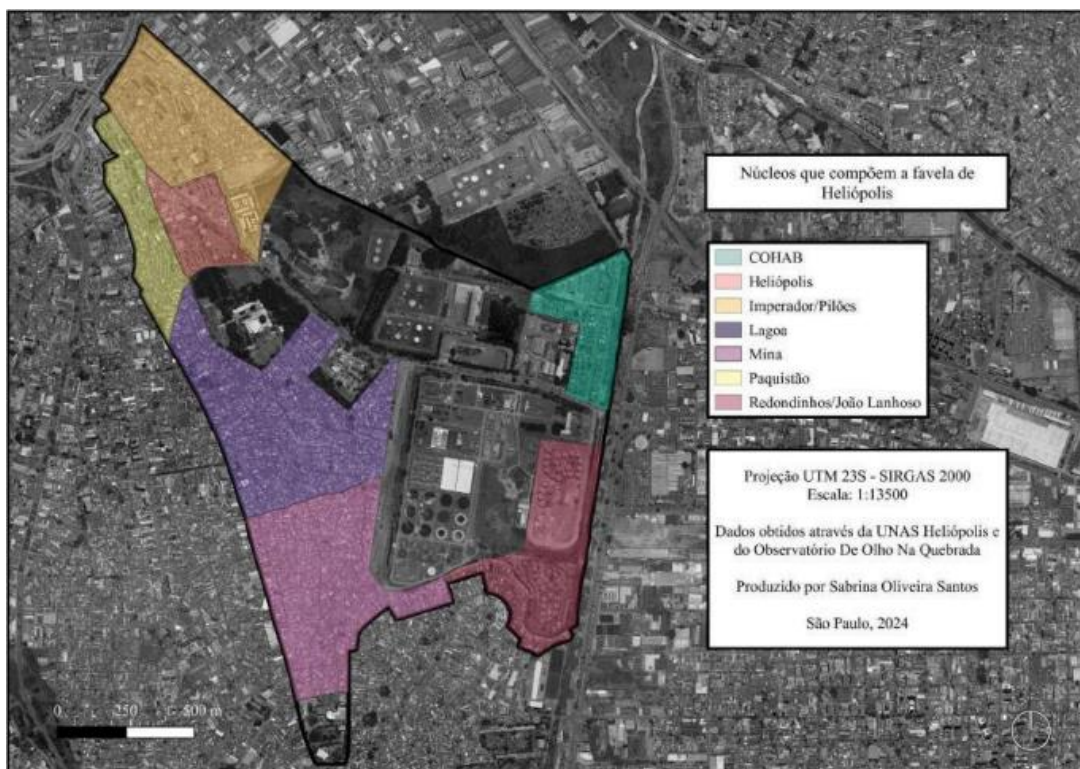
A batalha pela manutenção da rádio no ar foi impulsionada pela sua significância social, cultural e política para a comunidade, pois nesta época ela já oferecia a oportunidade de intervenções diretas por meio da divulgação de informações, fomentava laços de solidariedade e facilitava a articulação de grupos e indivíduos com interesses comuns. Integrada à estrutura da UNAS, a Rádio Comunitária se estabeleceu como um espaço multifacetado, servindo tanto como um local de entretenimento e trabalho, quanto como meio de produção de difusão cultural. Além disso, ela desempenhou um papel crucial na formação de agentes políticos, capacitando indivíduos para se engajarem na comunidade de forma abrangente. Por fim, ela fazia parte de algo maior, um movimento consolidado em nível nacional,

guiado pela criação de frente e fóruns originadas nas bases políticas estabelecidas a partir das experiências das emissoras, cujo número vinha crescendo e se expandindo por todo o território (SANTOS, p.147, 2024).

A construção da rádio remete à canção “Zé do Caroço” interpretada por Leci Brandão, um dos sambas brasileiros mais emblemáticos e que carrega um importante significado social e político. José Mendes da Silva, conhecido como Zé do Caroço, foi líder comunitário no Morro do Pau da Bandeira, favela localizada em Vila Isabel, Rio de Janeiro. Zé do Caroço instala um sistema de alto-falantes na comunidade para anunciar as notícias úteis aos moradores, a letra aponta para uma crítica social denunciando a alienação produzida pela massa midiática para com a população frente à realidade e ao que se chegava na favela, desviando o foco da comunidade acerca dos problemas sociais durante a ditadura militar. Nessa perspectiva, a instalação da rádio para Heliópolis aponta para o mesmo significado social, um mecanismo de luta e resistência que busca fomentar o engajamento da população e fortalecer as conexões da comunidade, como estratégia de ação que visa amplificar a voz daqueles que historicamente foram e são marginalizados.

Sob a gestão de Luiza Erundina, Heliópolis também encontrou uma oportunidade de fortalecer seu processo de luta e formação de bairro, que se destacou pela abertura, engajamento e *participação popular em todas as áreas e fases do planejamento e implementação das políticas públicas* (SANTOS, 2024). Em sua história, um desses reflexos para além de desenvolver as condições materiais objetivas à população, foi a eleição dos nomes das ruas de Heliópolis, prestando homenagem aos sujeitos construtores desse Bairro Educador; a arquitetura revelando a história e trajetória do Território; *a escolha dos nomes das ruas reforçou ainda mais o envolvimento da comunidade na construção do bairro e na formação de sua identidade, destacando mais uma vez sua singularidade na busca pelos direitos de cidadania* (SANTOS, 2024).

Hoje Heliópolis, localizado no distrito de Sacomã - zona sudeste de São Paulo - ocupa uma área de 1,2 milhão de m², se destacando como uma das maiores favelas do estado de São Paulo. Segundo o estudo que buscou traçar o perfil dos moradores pelo Instituto Favela Diz, a comunidade tem sua população representada por um segmento jovem, de 18 a 44 anos, de maioria solteira equivalente a 55%, 56% nascidos em São Paulo, 40% dos entrevistados moradores dessa comunidade possuem renda entre R\$1,2 mil a R\$2,3 mil.



Mapa 1 - Núcleos que compõem a Favela de Heliópolis.

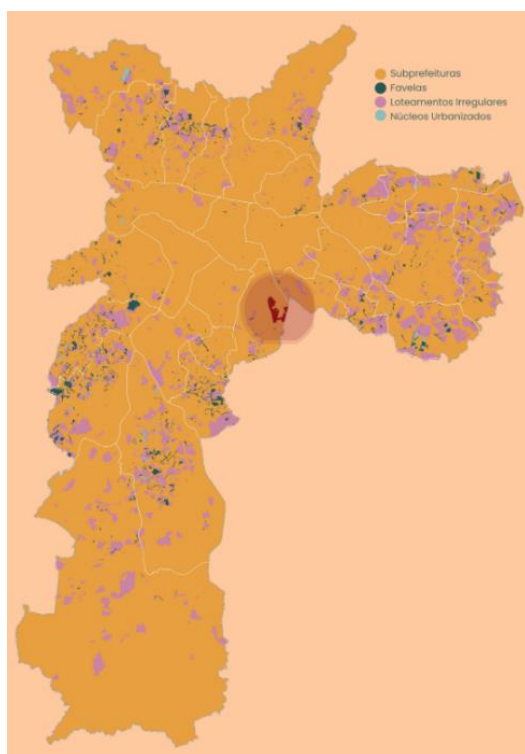
Fonte: Santos, 2024.

Outros dados divulgados pela plataforma Wiki Favelas,

De acordo com a Secretaria Municipal de Habitação de São Paulo, Heliópolis contava, em 2011, com 19.893 domicílios, dos quais 13.372 foram levantados por autoconstrução. Em 2016, possuíam abastecimento de água 83% dos domicílios e, 62%, rede de esgoto. A rede elétrica abrangia 94% das casas e 57% do espaço público. A renda familiar média per capita era de R\$479,85, o que correspondia a 54,52% de um salário mínimo. A Fundação Seade classifica a vulnerabilidade social como média em 61,55% da área, e muito alta em 32,87%, alto índice de pobreza e miséria. No Censo-2010, a região é dividida em 44 setores censitários, dos quais 19 foram considerados de vulnerabilidade muito alta. Os dados também apontam baixa escolaridade: 12% não estudaram; 68% possuem ensino fundamental; 19% ensino médio e 1% ensino superior. Já a situação ocupacional indica: assalariado com registro 28,37% da população; estudante, 14,43%; autônomos, 20,37%; desempregados, 9,99%; donas de casa, 9,41%; trabalhador temporário/bico/informal, 8,25%; empregado doméstico sem carteira/informal, 3,31%, dentre outras formas de inserção no mercado (Wiki Favelas, atualizado em 2023).

A cidade de São Paulo, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, é considerada uma Grande Metrópole Nacional, grandiosa não simplesmente pelo número de pessoas que nela habitam e pela riqueza financeira produzida, mas também pela sua capacidade de influência sobre outros municípios. Formada por dinamicidade em sua economia e um significativo fluxo migratório; desde 1950, São Paulo recebe milhares de brasileiros, sobretudo da região nordestina, em busca de emprego e oportunidades; esse movimento somado à expansão

automobilística acelerou seu crescimento e proporcionou uma expansão desordenada e caótica do espaço. A presença das favelas mostra marcas e consequências desse fato, uma cidade com profundo contraste social, de desigualdades, violências e exclusões. São Paulo não é a mesma para todos que nela habitam e pode ser perversa segundo quem nela se achega, ao mesmo tempo em que acolhe investimentos bilionários da elite, subjuga a classe que constrói e construiu com suas mãos os arranha-céus dessa cidade. Essa segregação urbana se materializa pela expulsão de moradores de suas casas, pela falta de acesso à água e luz, pelos serviços de saúde precarizados, pelas escolas abandonadas, pelo transporte público lotado todas as manhãs. Um lugar da extorsão, da ação de impedir ou retirar algo que é de direito por meio da violência. É preciso compreender que a favela não é o problema, mas é nela que as expressões da Questão Social se manifestam de maneira latente, as desigualdades socialmente construídas ali se concentram (DINIZ, 2021).



Mapa 2 – Território da cidade de São Paulo apontando a Cidade Nova Heliópolis.

Fonte: Tramas Urbanas, UFABC.

O fato de Heliópolis existir na maior metrópole da América Latina é uma demonstração das contradições do capitalismo, revelando que todo o desenvolvimento econômico gera desigualdade profunda, no qual a riqueza coexiste com a pobreza. Contudo, a história de Heliópolis vai além de questões relacionadas à miséria; sua capacidade de organização,

resistência e luta potencializou sua formação e trouxe maior segurança social naquilo que é de direito da população.

Nas periferias, além das desigualdades, das exclusões e espoliações às quais são submetidos seus moradores, associadas às condições concretas e objetivas das precariedades, são traçadas relações sociais de convivência, de solidariedade que se sustentam pelo reconhecimento de condições de vida, de experiências comuns partilhadas, edificadas no mundo do vivido das classes, compondo elementos de sobrevivência, do “corre”, da “viração” ou mesmo da “sevirologia”. Os sujeitos comumente tecem redes de relações que se movimentam em circuitos de proteção, de ajuda, de trocas, com parentes, vizinhos, conterrâneos, amigos; mas também de relações de jogos de disputas e conflitos em torno do comum da vida, em que o legal, o ilegal e o ilícito fazem parte do mesmo cenário (DINIZ, p.163, 2021).¹¹

Nesse sentido, a Cidade do Sol, interpretada pela contribuição de Milton Santos, o Território, o espaço usado, não só demarca uma delimitação geográfica terrena na região do Sacomã. Para além; é o espaço de construção de lutas, enfrentamentos às desigualdades postas histórica e cotidianamente por parte de seus agentes sociais, daqueles que se comprometeram e se comprometem a fundamentar a história do Bairro Educador.

O território é o lugar em que se desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência (SANTOS, p.7, 2009).

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. O território em si não é uma categoria de análise em disciplinas históricas, como a Geografia. É o território usado que é uma categoria de análise (SANTOS, p.8, 2009).

Foi no Território por meio da organização de moradores que a violência tem sido enfrentada, usando a educação como uma grande aliada, uma educação que vai além dos regimentos escolares formais, que busca aproximação à comunidade e encontra as potencialidades de cada sujeito. É no Território que se aprende a lutar, onde o cidadão é formado. Onde o cuidado de uma criança, por exemplo, é de responsabilidade de todos. Como conta um provérbio africano “é preciso uma vila inteira para formar uma criança”. É preciso

¹¹ Nesse trecho da citação, Rodrigo Diniz utiliza como referência a autora Vera Telles a partir do livro “As cidades nas fronteiras do legal e ilegal”, publicado em 2010. Da mesma forma, o autor também faz referência ao militante Cleiton Fofão utilizando o termo “sevirologia”, conceito construído pelo artista que designa a capacidade e a força criativa de resistência dos moradores de favela diante das precariedades que os atravessam cotidianamente, o “se virar”.

uma vila inteira para se formar um bairro educador. É preciso uma vila inteira para enfrentar as expressões e as raízes da violência. Foi e é preciso uma vila inteira para a formação de Heliópolis.

QUANDO O BAIRRO ENSINA

Era uma vez uma favela, que acendeu uma vela, e depois ficou velha.
E num ato de amor à justiça e à igualdade, virou comunidade.
E renasceu bem mais bela como um Bairro Educador!

Ao invés de desistir e aceitar, educar-se para sonhar!
Ao invés de só sonhar e refletir, educar-se para agir! Ao invés de julgar e condenar, educar-se para conscientizar!
Ao invés de agredir e odiar, educar-se para amar! Ao invés de excluir e separar, educar-se para integrar!
Ao invés de matar ou morrer, educar-se para viver!

Na Cidade do Sol, um homem corria, olhava, parava, falava e ouvia.
Misturava comunidade, escola e família, promovendo uma grande união coletiva.

Educação pela paz, a paz pela educação.
A caminhada faz parte dessa nossa construção!
Passo a passo, peça por peça, parte por parte, foram rompidas as barreiras da desigualdade.
Muros, paredes, silêncio e o preconceito.
Unificando o ensino para a melhora no gueto.

Quanta luta! Quanta gente!
Quanta gente pra brilhar!
Logo procurou-se a luz, para todos iluminar!

Um novo dia trouxe o sol,
Que para poucos costuma brilhar.
Porém Heliópolis é a Cidade do Sol
E como um girassol, Em sua direção começou a girar...
(Era uma vez, 2011).¹²

Bairro Educador, assim é chamada a Cidade Nova Heliópolis. Pelas mãos em luta dos moradores da favela a educação tornou-se o seu chão, aquilo que norteia, sustenta no presente e que dá direção para uma nova dimensão de futuro. Como então surge a proposta de cidade/bairro educador?

Ao pensar sobre o significado de cidade, é comum vir à memória a imagem de altos prédios, ruas asfaltadas, uma grande movimentação de pessoas que circulam a caminho de seus trabalhos, inseridos em uma rotina de aceleração, de um dia que, para muitos trabalhadores, começa antes mesmo do sol nascer. Para além dessa imagem, Diniz (2021) enxerga a cidade como o lugar da produção e reprodução da vida, refletindo as experiências de classe, os modos

¹² Música “Era uma vez”, Composição de Orlando Jerônimo, professor aposentado de Língua Portuguesa e um dos precursores da Caminhada pela Paz em Heliópolis, interpretada pelo Coletivo Avante no ano de 2011 retratando a história dessa favela paulistana sob a ótica de quem nela está, convive e a constrói.

de vida de sua população e o espaço da sociabilidade aonde o cotidiano é construído na relação espaço-tempo e, assim, formando o Território, um cenário que não é estático, mas que se transforma contínua e contraditoriamente. Frente a essa imagem que se tem sobre o que seria uma cidade, em 1990 construiu-se uma nova perspectiva para esse espaço urbano, a Cidade Educadora, área que não é restrita aos fazeres práticos do dia a dia, mas busca compreender a lógica de vida do cotidiano das pessoas que nela habitam, enxergando-os como sujeitos e não simplesmente indivíduos.

A cidade educadora é uma cidade com personalidade própria, integrada no país onde se localiza. Sua identidade, portanto, é interdependente com a do território de que faz parte e da história da qual resulta. É, também, uma cidade que se relaciona com o seu entorno: outros núcleos urbanos do mesmo país ou cidades parecidas de outros países, relação que implica novas aprendizagens, intercâmbio e solidariedade, enriquecendo a vida de seus habitantes. A cidade educadora é um complexo em constante evolução e pode ter expressões diversas, mas sempre considerará como uma de suas prioridades o investimento cultural e a formação permanente de sua população. Desta maneira, além das funções tradicionais (econômica, social, política e de prestação de serviços), assume a intencionalidade e a responsabilidade na formação, promoção e desenvolvimento de todos os seus habitantes: crianças, jovens, adolescentes, adultos e idosos (CABEZUDO et al, p.2, 2004).

A Cidade Educadora, portanto, é uma proposta de cidade que visa romper com as caricaturas tradicionais do que seria o espaço urbano, comumente fragmentado, em suas construções de concreto no qual cada um caminha por si só. Pela perspectiva da Cidade Educadora, existe a possibilidade de repensar um novo estilo de vida, que suspende a correria do cotidiano, ressignifica sua lógica - em grande maioria - alienadora, entrelaça relacionamentos de solidariedade com o outro e articula os serviços usufruídos por cada cidadão. Nesse sentido, escolher construir uma Cidade Educadora exige a dimensão da educação, não aquela restrita às instituições - limitado a muros e portões das escolas, nas salas de aula, em suas carteiras direcionadas a uma lousa marcada pelo desgaste do giz -, sob a concepção da pedagogia bancária¹³, discutida por Freire (1987). A educação como um pilar articulado e experienciado em todas as dimensões da vida humana, não só como responsabilidade do Estado, família e escola, mas um compromisso que é assumido por todos

¹³ No livro, Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire traz sua contribuição do que seria uma educação criada para a autonomia das pessoas. O conceito de Pedagogia Bancária remonta à visão de uma educação tecnicista, no qual os alunos são estimulados a memorizar informações e conteúdos compartilhados nas escolas, “os educandos são os depositários e o educador o depositante”, sem o envolvimento maior no processo de aprendizagem, anulando o poder criador dos estudantes, a fragilidade na formação de um pensamento crítico e ingenuidade que pouco os faz questionar sobre a realidade que os cercam; assim, abrindo espaço para a satisfação dos interesses do opressor, daqueles que dizem deter o poder na sociedade. Estudando as contribuições de Paulo Freire é possível compreender a filosofia central que constrói a ideia da Cidade Educadora.

e para todos, na esfera cultural, de saúde, nas associações, empresas, nos lares, ou seja, em todas as instâncias. Assim, sob essa concepção de cidade, todos têm a potencialidade de ser um agente educativo e formativo, lembrando aos cidadãos que é uma responsabilidade compartilhada fazer com que a cidade seja pacífica, democrática, justa e acolhedora.

A diversidade é inerente à vida e, obviamente, às cidades dos nossos dias, prevendo-se um aumento considerável no futuro. Por conseguinte, um dos desafios da Cidade Educadora é promover o equilíbrio e a harmonia entre a identidade e a diversidade, tendo em conta os diversos contributos das comunidades que a constituem e o direito de todas as pessoas que nela vivem a sentirem-se reconhecidas pela sua identidade cultural própria. Para tal, é imperativo lutar contra o racismo e todas as formas de exclusão. O desafio atual é reconhecer o direito às singularidades sem colocar em risco a construção do que é comum. As Cidades Educadoras sentem-se portadoras do ideal de inclusão, acolhendo cada pessoa como ela é e convidando-a a participar de um projeto comum de cidade. A Cidade Educadora também direcionará a sua ação para a construção de cidades coeducadoras, transformando uma estrutura social que gera desigualdades de gênero, analisando as suas origens e combatendo as suas consequências, como a violência e a feminização da exclusão social. Vivemos num mundo de incertezas que privilegia a procura da segurança, que muitas vezes se materializa na negação do outro e na desconfiança mútua. A Cidade Educadora, ciente disso, não procura simples soluções unilaterais; aceita a contradição e propõe processos de conhecimento, diálogo e participação como a maneira ideal de viver na e com a incerteza. O cultivo da linguagem e do pensamento crítico, num mundo de abundantes “pós-verdades” na política e nos meios de comunicação e de abusos nas redes sociais, é cada vez mais importante para evitar que os cidadãos aceitem facilmente os estereótipos estigmatizantes que proliferam por todo o lado (AICE, p. 7-8, 2020).

O município é o lugar ideal para essa construção, uma vez que na dimensão político-administrativa é a demarcação territorial mais próxima de seus cidadãos, é onde a vida real acontece e seus governantes conseguem obter melhor aproximação com as pessoas que estão ali; formando, por exemplo, políticas públicas considerando a particularidade de cada espaço, com maior enfoque e atenção às necessidades de população. Assim, o governo local deve encarar como responsabilidade prioritária o desenvolvimento de programas, projetos, e medidas que busquem o desenvolvimento da cidade, gerando informação, acesso pleno de direitos, segurança e identidade de pertencimento. Aqui entende-se a cidade como um Território Vivo, permeado de dinamicidade e, por isso, nunca haverá fim ou chegará em seu estado perfeito, mas sempre estará aberto a mudanças e modificações buscando adequá-la às demandas ali levantadas. A ideia de educação também se alinha nessa perspectiva, os primeiros passos do aprendizado iniciam-se na infância e jamais terminam, assim deve ser a Cidade Educadora.

O objetivo prioritário é, na realidade, formar cidadãos conhecedores de seus direitos e obrigações com respeito à sociedade e que, a partir do conhecimento e da identificação com a própria cidade, empreendam uma ação participativa e transformadora desta (CABEZUDO et al., p. 3, 2004).

O conceito surge como um movimento pedagógico social e foi popularizado em 1990 por meio do I Congresso Internacional das Cidades Educadoras celebrado em Barcelona, dando origem a Associação Internacional das Cidades Educadoras em 1994, que tem como um de seus objetivos impulsionar colaborações e ações concretas entre as cidades, ou seja, disseminar tais práticas para aplicação dessa ideia central. O conceito de Cidade Educadora segundo o MEC consiste: aquela que deve fazer a *integração da oferta de atividades sociais e culturais para potencializar sua capacidade educativa formal e informalmente* (AIETA; ZUIN, p.196, 2020).

Essa concepção de cidade não se limita a vivenciar os recursos pedagógicos somente nas escolas, mas se estende como agente educativo, do mesmo modo que o ambiente escolar comporta responsabilidades genéricas para o seu espaço e seus cidadãos, cujos objetivos são de satisfazer todos os anseios, tais como: a igualdade e a liberdade, os meios de formação, lazer, desenvolvimento pessoal, de cidadania política e potencialização dos próprios papéis urbanísticos que dela são exigidos (AIETA, ZUIN, p.196, 2020).

Foi nesse grande encontro, com a representação de governos locais de várias partes do mundo, que a primeira Carta das Cidades Educadoras foi redigida; sua quarta e última versão data no ano de 2020. O objetivo principal, tanto do encontro quanto do documento, é que as cidades ali representadas firmem um compromisso comum em torno do desenvolvimento educativo de seus habitantes, articulando o intercâmbio de experiências, o diálogo, a participação, o impulsionamento desses ideais e o comprometimento com os princípios ali firmados tornasse à realidade, sendo eles divididos em três pilares principais:

1. O direito à cidade educadora: por esse pilar é defendido uma educação inclusiva em toda a extensão da vida, seguindo uma política educativa de amplitude, com justiça, igualdade e qualidade, afastando-se de toda e qualquer discriminação a fim de valorização a diversidade, por meio da serviços culturais e diálogos intergeracionais.
2. O compromisso da cidade: que se inicia com o conhecimento do território (políticas baseadas na realidade das pessoas), gerando acesso à informação, a fim de promover uma governança com participação dos cidadãos, acompanhando as presentes condições com contínua melhoria, complementando a sustentabilidade, a habitação de espaços públicos e adequação dos equipamentos e serviços municipais; formando assim a identidade da cidade.
3. A serviço integral das pessoas: refletida pela promoção da saúde, com a formação de agentes educativos, com orientação e inserção laboral inclusiva,

gerando coesão social, tornando-se responsável contra as desigualdades, também expressa pelo associativismo e voluntariado e, por fim, desenvolvendo uma educação voltada para a cidadania, com o viés democrático e global.

No Brasil¹⁴, São Paulo desde 2004 integra a rede Cidade Educadoras, é uma das cidades membros desta associação onde está localizada Heliópolis, sua maior favela que tem se movimentado e se articula sob essa visão educacional. No ano de 2008 a grande metrópole nacional foi sede do X Congresso Internacional das Cidades Educadoras, abordando o tema “Construção de cidadania em cidades multiculturais” e em sua trajetória, tem tomado medidas que busquem a perspectiva da educação integral, como pilar de uma Cidade Educadora. Estar submisso e cumprir os princípios redigidos na Carta de Cidades Educadoras é o primeiro passo para que uma cidade se torne um membro associado da AICE, passando após um processo de carácter burocrático a fim de formalizar essa associação.

A arquitetura dessa cidade também irá refletir essa concepção; os serviços ali prestados se configurarão de uma maneira relacional, para além do técnico ou do assistencialismo, formando assim o *meu lugar*¹⁵, o Território¹⁶. Sob a compreensão de que a cidade já não deve ser o lugar da violência, das desigualdades, dos atravessamentos intensos que majoritariamente chegam nas favelas, há um olhar que deve enxergar a cidade como o Território construído por suas múltiplas culturas e histórias. Seus agentes educativos estão nos espaços formais, como escolas, universidades e instituições; assim como nos informais, igrejas, museus, no transporte público, biblioteca, teatros, nas praças, nas feiras... Uma rede de serviços construída pelas mãos do povo e que se volta para o povo. Um reflexo significativo desse movimento é a construção dos Centros Educacionais Unificados (CEUs)¹⁷, implementado pelo Decreto nº42.832, de 06 de Fevereiro de 2003, espaços educacionais localizados nas regiões periféricas de São Paulo, que reúnem escolas dos mais variados níveis educacionais, da educação básica ao ensino

¹⁴ O Brasil conta com a participação de quarenta e três cidades associadas à rede de cidades educadoras. Informações extraídas do *site* Associação Internacional de Cidades Educadoras (<https://www.edcities.org/pt/lista-das-cidades-associadas/>). Acesso em 23 de set. 2025.

¹⁵ Referência a música *Meu Lugar*, de Arlindo Cruz.

¹⁶ Referência ao conceito de Território, já discutido no capítulo anterior.

¹⁷ A partir dos anos 90, sob a gestão de Luiza Erundina e com o professor Paulo Freire enquanto Secretário da Educação, o direito à educação foi uma das pautas levantadas e defendidas pelo governo, no qual as classes populares foram incluídas e ouvidas no processo de pensar e elaborar políticas públicas. Anos seguintes, em continuidade, os Centros Educacionais Unificados (CEUs) são frutos de uma proposta e projeto implementado durante o governo de Marta Suplicy (2001 a 2004) que busca integração entre a educação formal, cultura, esporte e lazer inseridos em um mesmo complexo, possibilitando a prática de uma Educação Integral.

técnico, também atingindo a esfera da cultura, esporte, lazer e convivência, de modo multi e intergeracional.

Nessa perspectiva, o Bairro Educador Heliópolis é construído, se constrói e segue se reinventando. No lugar da ausência nela habita a potência, a articulação, a luta, a conquista, o enfrentamento.

A noção de Bairro Educador se construiu historicamente a partir da luta da comunidade organizada - até mesmo antes do conceito ser elaborado de forma consciente. Essa noção foi surgindo pela percepção de que a escola é apenas uma parte do que chamamos de educação, e também como decorrência da compreensão de que as políticas públicas deveriam ser formuladas de maneira intersecretarial e com a participação intensa da população. Quer dizer, o Bairro Educador parte da ideia de que o povo tem não só direito, como competência para construir junto aos nossos governantes, as políticas que garantirão os direitos de todos e todas (SALA, p.16, 2022).

Como um Bairro Educador, Heliópolis volta-se para o conceito de Educação Integral¹⁸, uma visão educacional de prática humana, não limitada às formas tradicionais que corroboram com a exclusão de saberes populares. Nessa visão de formação, busca-se potencializar os cidadãos, desenvolvendo sua capacidade crítica, a dinâmica de ideias e reflexões, resgatar experiências individuais e coletivas e aplicar propostas de mudanças no Território em questão, consolidando o protagonismo comunitário. *Os fundamentos desse legado se referem a um entendimento de educação pública que amplia a educação escolar, no sentido de articulá-la a dimensões mais amplas como a cultura, socialização, a formação para o trabalho e a cidadania, assim como implicava a defesa do aumento da jornada escolar discente (SANTIS, p.50, 2014).* Neste lugar, a cidade ou o bairro não se mantém simplesmente como cenário de ações educativas, mas se converte em agente educador, ou seja, coloca-se de maneira ativa e presente na realidade e dinâmica de vida de quem nela habita, uma nova pedagogia urbana.

O movimento que transforma Heliópolis em um Bairro Educador também o transforma em um Bairro Educando, pois suas gentes transformam o mundo dia a dia, por meio da sua luta, das suas ações, das suas práticas educativas (SALA, p.19, 2022).

Para que fosse possível a travessia de um bairro educativo para um bairro educador, foi necessário agir com intencionalidade e olhar para fora, para o outro. Todos ali apresentavam

¹⁸ No contexto brasileiro, Anísio Teixeira foi um dos maiores influentes educadores que defendia o ensino segundo a Educação Integral que, segundo ele, deve ser vista como um direito e não um privilégio, assumindo assim a escola pública, gratuita e laica como parte fundamental do processo democrático educacional. Enquanto gestor público, por exemplo, foi responsável pela criação dos Centros Educacionais Carneiro Ribeiro na Bahia e que, posteriormente, serviu como referência para a criação dos Centros de Educação Unificada (CEUs) instalados na cidade de São Paulo.

inicialmente algo em comum, a falta de moradia, os preconceitos que o cercavam, a necessidade de sobreviver, o desamparo governamental... o que gerou forças para a construção de uma das maiores favelas paulistanas. Um Bairro Educador que aprende na cidade e com a cidade, dotado de recursos educativos e que os desenvolvem estrategicamente a fim de participar de maneira integral na vida dos sujeitos.

[...] articulada com o propósito de aproximar essa população aos seus direitos por meio das políticas públicas colocando seus educandos como aqueles protagonistas e fator central no processo de formação. Uma ideia que rompe com a imagem de uma figura de autoridade tão taxada, como se tem um professor comandando a sala de aula, gerando estímulo ao pensamento crítico. Uma cidade que colabora para a construção de um amanhã melhor e que carrega como fundamento a ação comunicativa, entendendo o diálogo como ferramenta...(SANTOS et al, p.159-160, 2025).

Sob essa perspectiva, Heliópolis possui cinco premissas baseadas nos princípios norteadores do Projeto Político Pedagógico da EMEF Campos Salles e que norteiam sua formação: *1) tudo passa pela Educação*, o ser humano tem capacidade de ensinar e aprender, com sua história e bagagem se movimentando de uma maneira dialética, em relação e diálogo com o outro. *2) a escola como centro de liderança*, a escola é um dos primeiros espaços em que o ser humano amplia sua relação com o mundo; ali se tem contato com a diversidade, assim a escola pública é um lugar público, onde todos podem e devem conviver.

É que a escola é um espaço de cidadania, no qual exercemos um dos nossos direitos mais importantes: o direito à educação. E, a partir desse exercício, a escola deve estar em luta pela garantia dos outros direitos, de forma articulada às outras pessoas que fazem essa luta na comunidade onde ela está inserida. Assim, a escola também pode formar novas lideranças (SALA, p.22, 2022).

3) a autonomia, para além daquilo que os dicionários tradicionais conceituam - capacidade de se autogovernar - Heliópolis compreende que a verdadeira autonomia se constrói coletivamente e está vinculada a diversas condições constituintes do sujeito, de carácter político, étnico-racial, de classe social, orientação sexual e gênero. *4) a responsabilidade*, vista como a capacidade do ser humano em assumir as consequências de suas ações e que, por vezes, também pode significar a desobediência a regras, leis e costumes já conservados, estabelecidos e impostos na sociedade, com a consciência de que sempre nossas ações irão reverberar no outro e no mundo. E, por fim, a *5) solidariedade*, a possibilidade de refletir, pensar e reconhecer o outro, o “eu” e o “nós” costurados.

Em Heliópolis a solidariedade é o princípio que dá razão de ser aos outros princípios, pois é ela que deve impulsionar as ações realizadas em torno do movimento de

transformação da comunidade em um Bairro Educador. A solidariedade é, talvez, o começo: o motivo que faz com que as pessoas orientem suas práticas a partir dos cinco princípios, e também o fim: o lugar onde queremos chegar (SALA, p.25, 2022).

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente Campos Salles é uma conquista que simboliza a história de Heliópolis em sua construção como Bairro Educador. A EMEF foi criada em 1956 antes nomeada como Escolas Mistas de São João Clímaco; era nos seus dois grandes galpões que as aulas aconteciam no que hoje é conhecido como Largo de São João Clímaco. É importante ressaltar que, essa escola já existia e funcionava antes do processo de favelização, grande parte de seus estudantes nessa época eram moradores dos bairros Jardim Patente e São João Clímaco, filhos de trabalhadores das chácaras e olarias da região. Em 1967, dez anos seguintes à sua criação, seu primeiro prédio de alvenaria foi construído e a partir da década de 70 tornou-se a única escola a atender a demanda da comunidade, com a crescente chegada de novos moradores na cidade do Sol.

Localizada em uma região de terrenos baldios, espaço tomado pelo tráfico, com alto índice de assaltos, drogadição, toques de recolher e assassinatos, era atribuído à escola uma visão estigmatizada, a então “escola dos favelados”, apresentando situações recorrentes de violência que envolviam seus estudantes. Assim, existia um anseio por uma mudança interna e externa do local, que rompesse com as fronteiras de violência e trouxessem novas perspectivas de vida aos moradores de Heliópolis.

A escola estava inserida em uma realidade local de grandes desafios, como tráfico de drogas, violência, exploração sexual, dentre outros. Os problemas e as dificuldades também estavam relacionados aos estudantes, tanto no interior da escola quanto em seu entorno, aos profissionais e outros referentes às famílias dos discentes e à comunidade em geral (MESQUITA, p.47, 2022).

A virada aconteceu em 1995 com a gestão de Braz Nogueira, então diretor, que articula a escola com as lideranças comunitárias da UNAS, derrubando literal e simbolicamente os muros que separavam a escola e o bairro; Heliópolis assim seria a grande sala de aula do Bairro Educador. Seu projeto político pedagógico é inspirado na Escola da Ponte, em Portugal e a EMEF Desembargador Amorim Lima, em São Paulo, buscando potencializar e empoderar os estudantes e a comunidade, combatendo violências, humanizando o processo educativo e valorizando a participação de todos na construção do aprendizado, indo além das propostas tradicionais do que seria educação.

[...] manter contato com a população e com as crianças, constatando que a escola não poderia ser um equipamento isolado da comunidade, pois assim não haveria mudanças em relação às injustiças sociais, quando não observa o todo (RAMOS, p.10, 2025).

Marília Santis (2014) acrescenta,

Podemos afirmar que este movimento, liderado pela EMEF Presidente Campos Salles ao longo de 15 anos, contribuiu para o estreitamento dos laços entre a escola e a comunidade e para a consolidação da UNAS como a maior e mais representativa associação de moradores da região. A UNAS, por sua vez, contribuiu para o desenvolvimento do projeto político-pedagógico da escola, e desta relação dialógica surge, como concepção e projeto, o Bairro Educador de Heliópolis, a partir do qual o protagonismo social com foco na educação passa a ser vivenciado e se põe como elemento de articulação e negociação com o poder público (SANTIS, p.73, 2014).

Uma nova dinâmica de gestão é desenvolvida pelo então diretor Braz, que busca construir um carácter de escola a partir do seu chão e seu entorno, com mecanismos de aproximar esse lugar da comunidade da qual está inserida, pontuando seus desafios, conflitos e contradições com o objetivo de desenvolver novas possibilidades para uma transformação processual. Como planejamento estratégico, o diretor e coordenadores da época passaram a caminhar pelas ruas de Heliópolis e a visitar as famílias que tinham filhos estudantes da EMEF Pres. Campos Salles, buscando conhecer suas histórias, modos de vida, ideias e demandas a fim de fortalecer a relação escola-comunidade. Um acontecimento marcante nesse período foi a construção do curso Educação e Cidadania, possibilitando aos pais e responsáveis a participação direta na construção da escola, mostrando as contradições ali existentes, alinhando expectativas, fomentando a discussão acerca de verbas destinadas à organização de ensino e dialogando sobre os direitos da comunidade, professores e alunos. Desses primeiros passos surgem então quatro comissões responsáveis por evoluir as discussões pensando na qualidade de ensino ali ofertada: Comissão Relação escola-comunidade, Comissão de reivindicação, Comissão de limpeza, conservação e manutenção do prédio escolar e, por fim, a Comissão de cultura, esporte e lazer. Cada uma delas orientada sob a perspectiva de prática plena de cidadania entre os estudantes, famílias e professores. E assim, gradualmente, a EMEF Pres. Campos Salles passou a ser conhecida como a “escola da comunidade”.

[...] a relação entre a escola e o movimento social modificou a escola e o movimento, porque, a partir de uma relação muito próxima, ambos passaram a trabalhar juntos na luta por políticas públicas que sustentam o ideal da comunidade: o desenvolvimento ancorado no direito à educação de qualidade social, constituída como um direito inalienável e como um fator indispensável de humanização (SANTIS, p.74, 2014).

Em 2009, tornou-se pólo educativo por meio de uma ação da UNAS em negociação com a prefeitura de São Paulo, criando-se o Centro de Convivência Educativa e Cultural de Heliópolis (CCECH) a partir do decreto nº50.740. Seis anos mais tarde, esse espaço ganha o título de Centro Educacional Unificado, a princípio sob uma gestão de membros escolhidos

pela própria comunidade, mas posteriormente exonerados sem diálogos ou justificações pela prefeitura de São Paulo para os moradores e usuários do equipamento público. Esse fato foi considerado pelos moradores como um golpe governamental e motivo de diversas manifestações contra a decisão tomada. Conforme menciona Marília Santis (2014):

Para escapar da lógica fragmentada e burocrática da administração pública e participar ativamente dos processos de gestão, a comunidade organizada em torno da UNAS e da EMEF negociou com o governo municipal da época a gestão do CCECH, que se estabeleceu de forma compartilhada entre funcionários da municipalidade e membros da comunidade, produzindo um modelo singular entre os equipamentos vinculados à Secretaria Municipal de Educação. O pilar dessa estrutura, entretanto, está permanentemente em risco em razão de não haver, na estrutura estatal, experiências e cultura política consolidadas capazes de propor um tipo de organização burocrática que fomenta e efetiva a parceria educacional com a comunidade e que se valha do diálogo permanente entre unidades escolares e entorno social. É necessário que se aprofunde o debate sobre a autonomia das escolas e o papel do Estado na condução dos processos educacionais geridos em parceria com a sociedade civil organizada (SANTIS, p.76, 2014).

Hoje, o CEU Heliópolis¹⁹ Arlete Persoli²⁰, localizado na histórica Estrada das Lágrimas, busca atender as demandas da educação em nível integral, desde os primeiros anos de vida até o ensino técnico e especializações, também oferecendo à população atividades culturais e esportivas. Aos finais de semana, o espaço também se mantém aberto, não só para servir como uma passagem de locomoção aos moradores, mas para que também as crianças e jovens tenham a oportunidade de brincar e socializar nos espaços que o Centro Educacional Unificado dispõe.

A arquitetura dos prédios do CEU Heliópolis também reflete a concepção de um Bairro Educador. Ruy Ohtake²¹, arquiteto e designer brasileiro, foi um dos responsáveis por elaborar a estética arquitetônica muito característica e singular de algumas regiões em Heliópolis; com o seu formato arredondado, permite uma visão mais ampla sobre a comunidade e uma aproximação de seus moradores com o equipamento. Um projeto feito para além dos

¹⁹ Atualmente, o CEU Heliópolis conta com: três prédios de Centro de Educação Infantil, CEU EMEI Antônio Francisco Lisboa, EMEF Campos Salles, ETEC Heliópolis, TEIA Heliópolis, biblioteca, TeleCentro, sala multiuso, teatro, quadras poliesportivas, pista de skate, horta comunitária e playgrounds.

²⁰ Hoje, o Centro Educacional Heliópolis carrega esse nome em homenagem à Arlete Persoli, educadora e primeira gestora da EMEF Campos Salles, que lutou em defesa pela educação no Território e se tornou uma das principais vozes do movimento Bairro Educador. Devido a um câncer, faleceu em 2014, mas segue com os frutos na memória e vida de Heliópolis.

²¹ Ruy Ohtake chega em Heliópolis após um mal entendido. Na época uma revista publica uma entrevista com o arquiteto, no qual teria mencionado “O que acho mais feio em São Paulo é Heliópolis”, momentos mais tarde Ohtake explica que em sua fala estava se referindo à desigualdade presente na cidade, como alguns bairros são mais ricos enquanto outros se encontram em situação de pobreza. Ao saber de sua fala, João Miranda, um dos líderes comunitários da UNAS entra em contato com ele e pede ajuda para construir uma Heliópolis mais acolhedora.

espaços de um escritório, mas em conjunto com a população. Seu formato circular simboliza fluidez, a união, conexão e diálogo entre as pessoas pois os “cantos” e separações não fazem parte do conceito de Bairro Educador.

O projeto, em sua concepção arquitetônica, deveria pensar os espaços de forma convidativa e coletiva, respeitando a convivência e o cuidado com o que é coletivo, tomando a história do Bairro Educador como diretriz para a concepção desse lugar. Um dos elementos trazidos para a discussão foi o muro. Segundo a história de Heliópolis, desde o início da luta, os muros mais separam e reafirmam desigualdades do que o contrário (RAMOS, p.20, 2025).

A escola também é, historicamente, o ponto de encontro para uma das datas mais esperadas em todos os anos pela comunidade, a Caminhada Pela Paz. O evento tradicional tem suas origens em 1999 a partir da trajetória de Leonarda, aluna que aos 16 anos foi assassinada nas proximidades da escola. Braz Nogueira, o Professor Orlando Jerônimo e o então Presidente da UNAS, João Miranda, sensibilizados, indignados e incomodados com as expressões de violência que ainda atravessam Heliópolis, articulam os serviços e moradores para o que seria um dos grandes movimentos sociais da comunidade, o Movimento Sol da Paz, com o lema “A paz é de todos ou não é de ninguém”. Por meio dessa organização busca-se avançar no processo de integração entre as escolas e a comunidade, despertando o entendimento acerca da educação como pilar fundamental para a solução de problemas dessa região, compreendendo que a violência atinge toda a comunidade e, por isso, todos devem fazer parte da discussão em como saná-la, sob a perspectiva pedagógica e não unicamente pela via da punição, tornando assim Heliópolis um Bairro Educador.

A preparação da Caminhada pela Paz coloca os estudantes em contato direto com o princípio fundamental de comprometimento com as questões sociais. Restaura a possibilidade de as crianças perceberem, vivendo em seu dia a dia e como estudantes, que os acontecimentos da escola não devem estar alheios aos problemas de sua comunidade e de seu país (MESQUITA, p.56, 2022).



Fotografia – Jornal UNAS destaca Caminhada Pela Paz de 2003
Fonte: Acervo UNAS, Museu Heliópolis digital.

Anualmente, entre junho e julho, moradores e trabalhadores mobilizam uma grande marcha que percorre as principais ruas de Heliópolis, uma manifestação artística, política e cultural entre crianças, jovens, adultos e pessoas idosas que param seu cotidiano para questionar e reivindicar melhorias para a comunidade. O primeiro passo dessa caminhada é a declamação do manifesto construído coletivamente pelos estudantes de toda a rede escolar do Território, apontando denúncias, insatisfações e a privação de direitos ali presentes. O girassol é a imagem escolhida pela organização que simboliza essa luta, uma flor que, segundo a biologia, mesmo em dias nublados busca a energia e luz do sol para manter-se firme, e é isso que os sujeitos de Heliópolis sempre fizeram, fazem e seguirão realizando, resilientes mesmo com os atravessamentos diários (SALA, 2022).



Fotografia – Caminhada Pela Paz, 2024.
Fonte: Acervo Unas.

E como parte de um Bairro Educador, os espaços educativos também contam com um calendário temático integrado, alinhando o diálogo entre as organizações e trabalhando as propostas com os alunos e profissionais envolvidos. Um planejamento que se constrói a partir das vivências do Território, valorizando suas histórias, práticas culturais, saberes populares, suas expressões artísticas e resgate-construção de memórias de Heliópolis.

Assim, o Calendário Temático Integrado se estrutura a partir das pautas dos movimentos sociais, uma vez que eles têm o potencial de realizar, ao mesmo tempo, a denúncia das injustiças e o anúncio de sua superação. Essas pautas viram temas que, por sua vez, se tornam práticas pensadas por educadores/as e atividades em conjunto - papéis esses que passam a se misturar. Por isso, as ações do calendário são educadoras para todas as pessoas que o partilham e, por isso mesmo, constroem-no. Ele reflete a articulação e mobilização da comunidade, tornando a formação mobilizadora e a mobilização formadora (SALA, p.14, 2022).

O Território construído com vistas a um Bairro Educador busca estar articulado, alinhando princípios, serviços, ouvindo seus moradores e chamando-os para a participação política. Do mais novo ao mais velho, todos tornam-se responsáveis pela prática de cidadania e nessa troca intergeracional a juventude ganha espaço de possibilidade transformadora. Segundo Laila Sala²² (2022) é no período da juventude que um mundo de novas ideias e forças são descortinados dos olhos, o descortinar que olha para o mundo, traz indignações que quando canalizadas gera uma nova perspectiva para mudanças em seu meio. No Bairro Educador Heliópolis o jovem tem o papel fundamental de estar e andar junto na busca por práticas transformadoras.

Pensando nisso, ao longo dos anos, diversos foram os projetos desenvolvidos em Heliópolis visando potencializar o jovem, como um sujeito participante e ativo. Em 2015, por exemplo, acontece a 1ª Mostra de Talentos do CEU Heliópolis, com o auxílio de manifestações culturais e artísticas quando ampliou-se a possibilidade de enxergar o território, discutir as violências ali sofridas, aproximar os estudantes de sua comunidade e gerar novas práticas de intervenção que fortaleçam o bairro em um espaço educador. Nesse mesmo ano, também foi realizado o 1º Encontro das Juventudes a pedido dos próprios jovens; alguns deles tiveram a oportunidade de se candidatar como membro do Conselho Municipal da Juventude pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania *como forma de começar uma discussão*

²² Laila Sala é educadora que se destacou por seu trabalho na educação, especialmente em Heliópolis, atuando como gestora no CEU Heliópolis buscou construir uma experiência pedagógica democrática com vistas à justiça social .

mais aprofundada sobre políticas públicas e participação nos processos de decisão da cidade (SALA, 2022).

É interessante pensar nas mudanças e transformações geracionais nesse processo de luta e construção do Bairro Educador Heliópolis; Laila Sala em seu artigo “A leitura da vida de alguém” destaca como os estudantes potencializam essa força comunitária e que através de gerações as demandas dessa juventude também se transformam. No início da formação da favela, os jovens buscavam pelo mínimo de sobrevivência; moradia e alimentação. Alguns anos seguintes, a juventude de Heliópolis fazia um urgente alerta para os altos índices de violências na favela, como tráficos, drogadição e assassinatos em massa envolvendo principalmente os mais novos. Hoje, também e para além dessas demandas, a cultura e educação são parte dessa nova urgência. E assim o jovem em meio a avanços e retrocessos aprende a se posicionar no mundo, transforma-se e transforma o lugar onde está.

Idealizado pela UNAS, o Observatório de Olho na Quebrada é mais um espaço em que o jovem potencializa suas habilidades, exerce protagonismo e colabora para o fortalecimento de Heliópolis. O projeto conta com a participação de jovens desenvolvendo dados e pesquisas acerca de questões com vistas à comunidade, como uma estratégia de fundamentar as demandas por melhorias e aplicações de políticas públicas na favela. Uma pauta muito criticada desse coletivo é a veracidade das informações geradas por pesquisas de órgãos oficiais que, segundo os estudantes, não retratam de maneira fidedigna a realidade de Heliópolis.

Durante a pandemia de COVID-19, o De olho na Quebrada exerce um importante papel na luta pela sobrevivência de suas famílias e moradores; promovendo ações de prevenção, gerando informações, levantando dados acerca do número de infectados pelo vírus, insegurança alimentar, a condição de vida das mulheres nesse período, o acesso à internet - uma vez que passou a ser ferramenta substancial de estudo e trabalho para a maioria da população - investigando sobre a condição de saúde mental dos moradores, o impacto deste período gerado na vida de sua população, numa série chamada “Heliópolis contra o Coronavírus”. São diversos os temas desenvolvidos pelos estudantes, seja na área da educação, transporte, cultura, lazer, renda, trabalho e mais, o objetivo é fortalecer a comunidade e gerar impacto propositivo na dinâmica da comunidade. Para além das pesquisas, quali e quantitativas, outra ação do Observatório é a promoção, preservação e resgate da memória do Território, olhando para a história de Heliópolis sob a perspectiva do morador, daqueles que desde o início construíram as bases de luta e conquista para juventude ali presente.

Em 2025, o grupo de jovens pesquisadores em parceria com o Projeto Heliópolis Investindo na Vida e com estudantes do Núcleo de Seguridade e Assistência Social (NEPSAS)

ligado ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-SP compartilha o estudo “Renda Digna em Heliópolis: O que os moradores de Heliópolis pensam ser necessário para que se tenha um padrão de vida digno na favela?”. A pesquisa surge como um dos frutos de estudo realizados pelo Observatório de Olho na Quebrada ao longo da pandemia de COVID-19. Nesse processo, os estudantes demonstram uma preocupação por buscar entender a experiência real de vida dos moradores de Heliópolis, discutindo a importância de redefinir e atualizar o perfil de pobreza - a linha da pobreza - que é entendida atualmente, compreendendo a complexidade e a dimensão social dessa questão não como algo reduzido a métricas e números.

Para esse estudo, preocupou-se em traçar o perfil da população na perspectiva sociofamiliar, socioeconômica, o custo de vida e questões de cidadania e dignidade (o acesso das famílias em relação aos programas de renda). Nesse sentido, com base nas respostas de 444 entrevistas, após o cálculo de uma amostra de representação da população, é possível ter entendimento de quem são as pessoas que ajudam a construir esse Bairro Educador.

Na perspectiva sociofamiliar, que diz respeito ao perfil da dinâmica domiciliar da população, foi constatado que;

[...] os responsáveis pelos domicílios entrevistados em Heliópolis são, em sua maioria, adultos em idade economicamente ativa: 54,5% situam-se na faixa etária de 30 a 59 anos. Os jovens de 15 a 29 anos representam 36% da amostra, enquanto pessoas com 60 anos ou mais correspondem a 9,5% dos entrevistados. Entre os territórios analisados, a COHAB/Cingapura apresenta o maior percentual de adultos (68,42%), seguida pelas quebradas da Lagoa (59,32%) e da Mina (55,83%). Estas duas últimas, por integrarem as áreas mais antigas do processo de ocupação de Heliópolis, foram também as primeiras a receber mutirões de autoconstrução. Essa trajetória histórica contribuiu para o enraizamento das populações locais, favorecendo a permanência das famílias ao longo das décadas e a consolidação de laços comunitários duradouros. Em contrapartida, a presença de jovens entre 15 e 29 anos se sobressai nas quebradas de Heliópolis (45,45%), Imperador/Pilões (43,21%) e Paquistão (44,44%). Essas áreas também registram os menores percentuais de população idosa — 2,28%, 7,41% e 2,78%, respectivamente — o que pode indicar uma dinâmica (15 a 29 anos 36%) (30 a 59 anos 54,5%) 60 anos ou mais (9,5%) populacional marcada pela renovação geracional e pela chegada de novas famílias. Essa configuração talvez esteja relacionada a fatores como a maior disponibilidade de imóveis a preços acessíveis, assim como à maior mobilidade populacional nessas localidades. [...] Embora a proporção de pessoas idosas seja minoritária em todo o território de Heliópolis, algumas quebradas apresentam percentuais mais expressivos desse grupo etário. É o caso de Redondinhos/João Lanhoso (19,23%), Mina (15,83%) e COHAB/Cingapura (15,79%), o que sugere que esses territórios oferecem condições mais favoráveis à permanência da população com idade mais avançada. Entre os possíveis fatores que favorecem essa fixação, destacam-se a existência de redes de apoio familiares e comunitárias consolidadas, a relativa estabilidade habitacional e a presença de infraestrutura mais acessível para pessoas com mobilidade reduzida (SANTOS et al., p.110, 2025).

Seguindo o perfil racial, de como esses moradores se enxergam na perspectiva de cor e raça, foi apontado que a grande maioria de seus moradores é negra (68,02%), no qual 37,39% se autodeclara como parda e 30,63% preta, enquanto cerca de 30% da população é branca, 0,45% se autodeclara como indígena e 0% amarela (SANTOS et al, 2025). É interessante dizer que o estudo explicita a maneira que o debate racial chega na população; é muito comum no Brasil haver uma espécie de confusão entre aquele que se declara como pardo. Muitos que se autodeclararam dessa forma recentemente passaram a se reconhecer como uma pessoa negra, um debate que vai além dos aspectos físicos e biológicos - como o tom da sua pele - mas que também se relaciona com as vivências, a leitura social que se realiza, a trajetória de vida e cultura.

Em continuidade, o quesito Identidade de gênero aponta que Heliópolis tem;

[...] a um perfil populacional predominantemente feminino entre os responsáveis pelos domicílios em todas as quebradas analisadas de Heliópolis. De modo geral, 69,14% da população entrevistada é feminina, enquanto 30,86% é masculina. Esse dado, ainda que de forma mais acentuada, segue a tendência nacional, onde 51,5% da população brasileira é composta por mulheres (IBGE, 2023). Essa distribuição também indica um papel central das mulheres na organização comunitária e na manutenção dos lares, refletindo tendências históricas e sociais do território. A presença feminina supera 65% em todas as unidades territoriais, demonstrando a forte participação das mulheres na vida cotidiana da comunidade. Esse padrão sugere que as mulheres permanecem em Heliópolis, assumindo a gestão dos lares e a responsabilidade pelo sustento familiar, mesmo diante de dificuldades socioeconômicas. As maiores concentrações de lares chefiados por mulheres foram identificadas em Redondinhos/João Lanhoso (73,08%), Lagoa (72,03%), Heliópolis (72,73%) e Imperador/Pilões (71,6%) (SANTOS et al., p.121, 2025).

Em seguida, ao cruzar os dados, a pesquisa indica que mulheres negras são as principais responsáveis pelo sustento de seus lares, equivalente a 69,38%, cenário comum nas periferias brasileiras e em situações de vulnerabilidade. Para dados constatando a escolaridade dos moradores de Heliópolis, evidencia que;

[...] o Ensino Médio Completo é o nível de escolaridade mais frequente entre os entrevistados, com 135 pessoas (30,41%) em Heliópolis, o que revela um grande esforço da população em concluir a educação básica formal. Em seguida, destacam-se os percentuais de pessoas com Ensino Superior Incompleto (16,44%) e Ensino Fundamental Incompleto e Completo, que somados representam 17,12% da amostra (11,26% e 5,86%, respectivamente). Apenas 4,5% dos entrevistados declararam nunca ter frequentado a escola, concentrando-se principalmente entre os moradores mais velhos. Em comparação com os dados nacionais — segundo os quais 54,5% dos brasileiros concluíram pelo menos o Ensino Médio (IBGE, 2023) —, o cenário em Heliópolis se mostra desafiador, com menos de um terço da população tendo conseguido concluir esse nível educacional. Ao analisarmos as quebradas separadamente, Lagoa e Mina se destacam por concentrarem os maiores percentuais de pessoas com Ensino Médio Completo e níveis de Ensino Superior. Na Lagoa, por exemplo, 36,44% 138 dos moradores concluíram o Ensino Médio, e 32,2% já cursaram algum nível de Ensino Superior (incompleto ou completo). Já na Mina,

embora o percentual de Ensino Médio Completo seja um pouco menor (25%), o acesso ao Ensino Superior também é expressivo, com 36,67% entre incompleto e completo. Esses dados sugerem uma taxa relativamente mais alta de escolarização, que pode estar associada à presença de equipamentos públicos — incluindo a UNAS —, escolas acessíveis ou dinâmicas familiares de incentivo à educação (SANTOS et al., p.138, 2025).

Esses são alguns dos diversos dados que a pesquisa sobre Renda Digna traça ao buscar entender qual é perfil populacional de Heliópolis; para esse Trabalho de Conclusão de Curso é possível inferir por meio dessas informações qual seria a composição do Bairro Educador, qual é a origem e a quem se destina as propostas de um bairro que preserva a intersetorialidade de suas ações, intervenções, debates e políticas.

Mesmo com a trajetória de significativas transformações, ainda é necessário manter-se posicionado na busca efetiva pelos direitos educacionais da população. Um acontecimento recente marca ações de retrocesso do lado governamental. Periodicamente as escolas necessitam passar por um processo de avaliação para medir a qualidade educacional ali ofertada; o governo municipal em abril de 2025 instituiu o Programa Juntos pela Aprendizagem como uma forma de gerir essas organizações. O programa possui seis eixos de atuação: engajamento, processo de avaliação, material didático, formação continuada, gestão escolar e educação integral em tempo ampliado. Como parte desse processo, utilizam-se indicadores para a avaliação; o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), de alcance nacional, é calculado segundo o desempenho dos alunos nas provas de português e matemática a cada dois anos; e o Índice de Desenvolvimento de Educação Paulistanas (IDEP), avaliação que consideram também as demais disciplinas, como ciências humanas e ciências naturais, no qual seus resultados não são divulgados. Após a análise desses resultados, foi julgado pelo governo a ineficiência da gestão e funcionamento de escolas do município provocando assim o afastamento de 25 diretores, substituídos temporariamente por novos auxiliares. O CEU EMEF Presidente Campos Salles foi alvo dessa medida e gerou inúmeras reações da população, provocando a seguinte pergunta: qual seria a verdadeira intenção dessa decisão?

Aplicar medidas como essa leva ao questionamento sobre o processo de avaliação que se impõe sobre essas escolas; considerando o projeto de Educação Integral, torna-se ineficiente classificar essas organizações com base em números que podem não refletir a realidade vivida no ambiente escolar. A avaliação pela parte governamental simboliza, portanto, uma educação bancária, que instiga reproduzir informações e extraí-las do aluno sem considerar o caráter crítico incentivado e desenvolvido no processo educativo de escolas que visam romper com as barreiras de conhecimento limitadas à uma sala de aula. Afastar a gestão da EMEF Presidente

Campos Salles instiga a refletir sobre a continuidade da construção desse Bairro Educador que a coloca como centro de liderança. Diante desse cenário, Heliópolis seguiu com o seu fundamento de cidadania e foi à Secretaria da Educação protestar contra a medida implementada e segue fazendo o enfrentamento devido.

Como parte de todo processo histórico, o avanço e retrocesso são marcas e características do Território de Heliópolis se construindo como Bairro Educador, que tem por objetivo contribuir e colaborar com a proteção e o desenvolvimento de todos, colocando a criança e o jovem como protagonistas dessa busca, já que representam a geração futura da comunidade. Construindo assim sujeitos fundamentados na cidadania, na consciência e prática política, na sua integralidade. Para Heliópolis, a educação deve ser pensada para e com a sua população como caminho de conquistas de direitos sociais e fortalecimento, proposta que comumente se desenvolve na contramão das ações municipais e educacionais refletindo assim, na punição daqueles que contribuem para a construção de espaços educacionais mais dispostos a efetivação da prática cidadã e ao estímulo do pensamento crítico.

No labirinto caótico e fervilhante de suas ruas e becos, que se espalha como as tramas de um coral por mais de um milhão de metro quadrados, é possível perceber a luta constante de toda a sua gente, cuja existência se manifesta na borda do sistema social, político e econômico. Heliópolis é como um organismo sempre em evolução, uma espécie de canteiro de obras coletivo, transpolítico, multicultural, onde a vida das pessoas é tecida nas tramas ininterruptas das construções, casas, edificações. Nesse movimento o diálogo de construção do bairro e de si mesmas, as pessoas ensinam e aprendem. É uma forma dinâmica de apreensão de uma realidade difícil, à qual muitas pessoas procuram escapar e não conseguem. Outras, galhardamente, procuram transformá-la em algo melhor. A comunidade de Heliópolis quer mais vida, não uma vida qualquer, e sim uma vida plena, uma vida generosa, uma vida boa. Quer que sua gente possa desenvolver o máximo de suas potencialidades em sociedade, com um presente digno e um futuro pleno das melhores expectativas (SCHNEIDER, p.8, 2008).

SERVIÇO SOCIAL EM ATUAÇÃO NO BAIRRO EDUCADOR HELIÓPOLIS

Qual seria então umas das principais atribuições do Serviço Social ao atuar nas favelas? A partir do Código de Ética de 1993, diversos princípios e fundamentos foram sistematizados a fim de se pensar a conduta profissional do Assistente Social na nova concepção da profissão. Uma das responsabilidades muito presentes é estar na linha de frente combatendo os preconceitos e formas variadas de exclusão com vistas ao incentivo e promoção da diversidade de ideias e de equidade.

VI - Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças. Esse princípio deve também regular toda atividade do assistente social, afastando, rejeitando e denunciando condutas e atitudes preconceituosas ou discriminatórias, manifestadas em qualquer dimensão profissional, não admitindo juízo preconcebido, na forma de atitude discriminatória perante pessoas, lugares, tradições, culturas, orientação sexual considerados diferentes ou “estranhos”. O respeito à diversidade e o incentivo das diferenças, num sentido amplo, diz respeito àquele que é diferente do padrão dominante na sua forma de pensar, de se manifestar, de agir, de expressar sua individualidade (TERRA, p128, 2012).

A favela, segundo os estudos de Paulino (2007), serviu como pano de fundo para a atuação de profissionais, como sociólogos, urbanistas e assistentes sociais, tornando-se seu objeto de estudo e intervenção. Contudo, é importante apontar que nem sempre o trabalho do Assistente Social nas favelas carregou o comprometimento no combate a preconceitos e estigmas; ao contrário, era comum que tais visões fossem reforçadas.

O Serviço Social tem suas origens na filantropia dos problemas sociais²³ que surgiam na época, em sua maioria mulheres da alta sociedade eram as responsáveis por tratar de questões ligadas ao cuidado e atenção à pobreza. Motivados por uma ordem religiosa, suas ações inicialmente foram marcadas pela moralização daqueles vistos em um caminho diferente da ordem social dominante. Era comum a culpabilização dos empobrecidos devido às suas condições de vida, preservando uma consciência com base na necessidade de educá-los para que sua conduta fosse humanizada e,

²³ Nesse período, situações que envolviam desigualdade social eram interpretadas como problemas sociais. O conceito Questão Social surge nos anos seguintes, após longos processos de debate, aprofundamento e maturidade profissional e intelectual.

consequentemente, aceita, disseminando assim o preconceito acerca das favelas e seus residentes.

Nesse tempo, o Serviço Social era chamado à disciplinar o pobre, e não para entender as raízes da pobreza, dando continuidade à estigmatização, controle e responsabilização dessas famílias pelas condições socioeconômicas em que viviam. Demonstrava-se, portanto, ausente o exercício de pensar as favelas como fruto de um processo histórico de desigualdade, resultado da exploração na relação capital-trabalho no modo de produção capitalista.

[...] baseado em uma determinada ordem social e na defesa de princípios que, ao invés de confrontar as estruturas econômicas que eram a marginalidade e a pobreza, acabam por legitimá-las evitando os conflitos decorrentes das contradições sociais presentes nestas estruturas (PAULINO, p.84, 2007).

À medida que a profissão ganhava um escopo de maturidade intelectual, técnica e interventiva, um novo caráter de atuação rompe com a prática conservadora tradicional - filantrópica, assistencialista e moralizadora - do Serviço Social, estimulando assim profissionais e estudantes a enxergá-la como uma ferramenta política a fim de fortalecer a população usuária em seus espaços de atuação e desenvolver uma intervenção profissional comprometida com o acesso e alcance dos direitos do sujeito. Esse processo histórico de reconceituação da profissão, em sua fase conhecida como Intenção de Ruptura, estabelece bases para a criação de subsídios que solidificaram seu caráter político, proporcionando por exemplo, a escrita de um novo Código de Ética Profissional que fundamentou princípios éticos e políticos basilares da intervenção do assistente social; são conquistas que marcam esse novo período.

Nesse sentido, entende-se que, com o tempo, os profissionais foram estimulados e formados para passar a exercer suas intervenções na perspectiva do direito e, gradualmente, a profissão conquista maturidade em diversos espaços sócio ocupacionais, como na saúde, na previdência social e na educação. Pensando nisso, qual é a relação do Serviço Social com o Bairro Educador? Como a profissão se articula seguindo essa perspectiva? Trabalhar na perspectiva de um Bairro Educador é considerar e fortalecer o diálogo entre os serviços e equipamentos ali estabelecidos, fortalecendo o vínculo com a dinâmica do Território, a fim de que o sujeito ali presente seja envolvido em sua completude. Assim, aquele que faz parte do Bairro Educador Heliópolis está inserido em uma rede de serviços, profissionais e políticas sociais que buscam desenvolver não só subsídios básicos para atender seu mínimo social de sobrevivência, mas também uma preocupação em descortinar ao usuário suas potencialidades, sua força, sua tomada de consciência como uma ferramenta política multiplicadora.

No Bairro Educador a educação apresenta uma dimensão social, no qual a escola é vista como o centro de liderança e sua intervenção se expande para além dos muros, exigindo assim uma abordagem territorial - visando entender o território no qual está inserido, sua dinâmica, cotidiano e história - e intersetorial - estabelecendo diálogo entre os serviços e equipamentos, a fim de fortalecer sua relação com o território com vistas à garantia de direitos. Nessa perspectiva o assistente social se coloca nesse campo estratégico de articulação focada em compreender a totalidade das condições de vida do cidadão. Portanto, o Bairro Educador visa transformar o território em um ambiente de aprendizagem integral, vinculando o diálogo entre a comunidade, as escolas e seus equipamentos.

Sob esse viés, o assistente social é um profissional essencial na articulação intersetorial e na construção das redes comunitárias, trabalhando as diferentes políticas e equipamentos inseridos no Bairro Educador em seus mais variados espaços, como na saúde, cultura, educação e assistência social. Em sua atuação, baseado na perspectiva da garantia de direitos, o profissional atua mapeando as expressões da questão social, apontando como as desigualdades se manifestam em determinado território e conecta o usuário na rede de serviços para atendimento completo. É função dessa rede contribuir para a mobilização e organização popular, instigando ao usuário a consciência de pertencimento e participação ativa em seu território frente a outros moradores e todos os trabalhadores que ali ocupam, construindo não só equipamentos habilitados em promover o atendimento ao usuário, como também proporcionar e desenvolver com essas pessoas, espaços de luta, debate e diálogo com vistas à sua proteção integral. Na história de Heliópolis, a escola não foi somente mais um serviço usado pelos moradores, no qual a criança, adolescente ou jovem passasse algumas horas de seu dia para estar ali e, após isso, voltasse para casa em uma lógica metódica e tecnicista de vida; em concordância com as demandas da população foi construído um espaço de convívio, de tomada de consciência frente às contestações da população e de construções de decisões coletivas para o fortalecimento de toda a comunidade.

Especialista em analisar, apontar e contextualizar as manifestações da desigualdade social, o assistente social também é um profissional habilitado em intervir diretamente no processo educativo de seus usuários, para além das questões pedagógicas - objeto de estudo e intervenção no escopo de outros profissionais -. Esse profissional busca compreender as barreiras sociais e econômicas que impedem o acesso, permanência e desenvolvimento escolar de crianças, adolescentes e jovens, possibilitando a defesa dos direitos dessa população, trabalhando para garantir que os estudantes e famílias usuárias dos equipamentos no Bairro Educador usufruam o acesso e permanência nas atividades ali prestadas. O Serviço Social tem

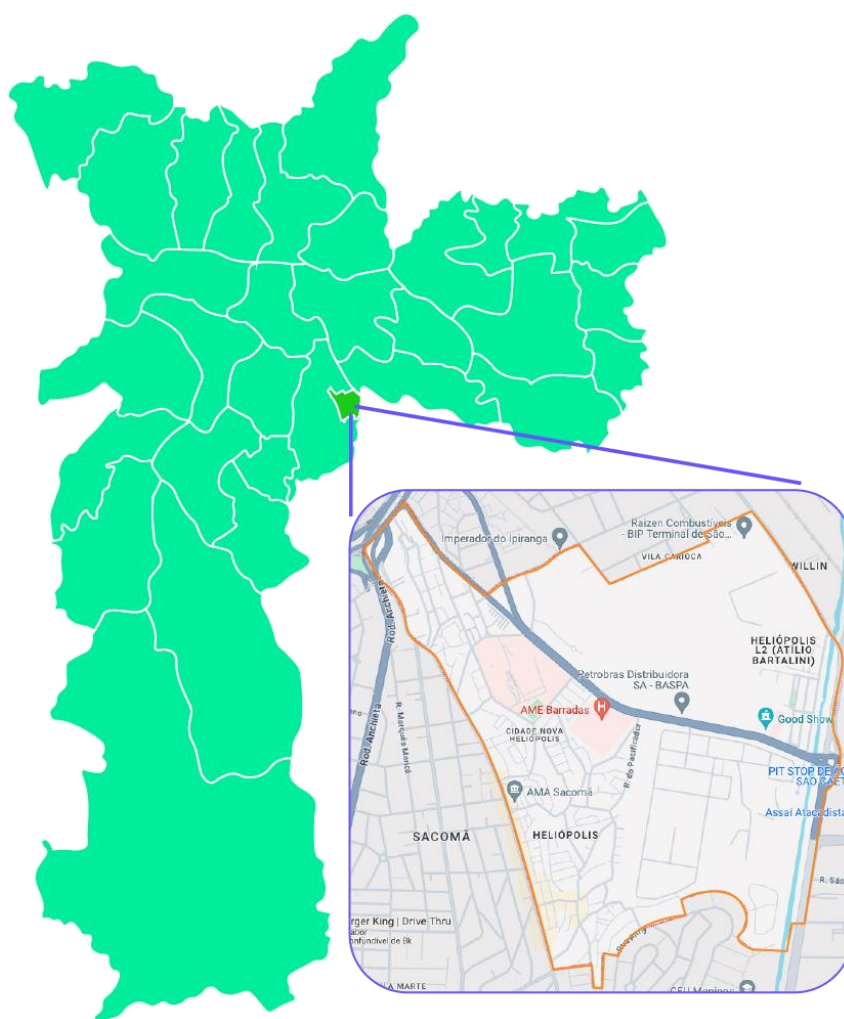
um olhar sensibilizado, atento, analítico e investigativo entendendo que a educação, por exemplo, só se torna um direito efetivo em sua completude; quando as demais condições mínimas de sobrevivência da população são asseguradas, como saúde, moradia e alimentação.

O Serviço Social, orientado pela perspectiva ético-política, apresenta um caráter sócio-educativo inerente, alinhado diretamente à proposta do Bairro Educador, da educação que tem como objetivo a emancipação. Junto à comunidade, o assistente social tem a possibilidade de elaborar propostas e projetos com a finalidade de potencializar a consciência crítica sobre a realidade social no qual está inserida, fomentando que a população se enxergue e se reconheça como sujeitos protagonistas de suas próprias histórias e habilitados para transformarem sua comunidade. É nessas práticas coletivas que se tem a oportunidade de construir a formação de valores com vistas à liberdade, ao direito e à participação cidadã.

O Bairro Educador exige que, a todo momento, o assistente social se volte para sua comunidade, atentando-se para suas demandas e reivindicações, desenvolvendo sua capacidade criativa e inventiva na elaboração de respostas e enfrentamentos às demandas que serão apresentadas ao longo de sua atuação. Ao considerar o território como espaço de aprendizagem, torna-se necessário uma conduta que corresponda ao seu Projeto Ético-Político, que é emancipatório. Sua atuação busca alimentar uma consciência crítica naqueles que frequentam os equipamentos de inserção, indo além da transferência de conhecimento e informações ao passo que produz, a partir das experiências já trazidas e discutidas pelos usuários, propostas interventivas com foco no desenvolvimento integral de suas potencialidades e capacidades à medida que combate as diversas formas de opressão, violência e desigualdade.

Um princípio intrínseco para o profissional que atua na perspectiva de um Bairro Educador é o da Totalidade, que deve ser traduzido na prática profissional, ao olhar o sujeito nas suas múltiplas dimensões - intelectual, física, social, emocional, cultural e política - inserido no cotidiano contextualizado na relação capital-trabalho, relação essa no qual a Questão Social se manifesta e se assenta sobre a realidade das pessoas. Para além da formalidade, pressupõem que as elucidações para as diversas situações apresentadas, atenda e recomponha essa totalidade, intervindo de modo completo e não fragmentado. Superar a lógica da fragmentação nessa perspectiva de atuação pode ser um dos desafios encontrado na profissão; no sistema capitalista é comum que políticas públicas, programas e ações tendem a alimentar essa visão, agindo de maneira paliativa sobre a realidade. Cada política, por exemplo, enxerga a construção Territorial de uma determinada maneira o que impede, entre elas, uma espécie de conversa e diálogo que alcance o sujeito de um modo mais completo e efetivo.

Nesse cenário, o assistente social torna-se um dos profissionais fundamentais no combate e enfrentamento, caminhando para além da aparência e gerando bases sólidas de propostas que visem à integralidade e efetivação dos direitos. Assim, o Serviço Social atua em campo de disputa, no qual sua dimensão política implica ter uma direção ética sintonizada ao Projeto Ético-Político²⁴ profissional, que busca a construção de uma nova ordem social, de caráter contra-hegemônico. Em luta, o foco político é a construção e materialização dos direitos sociais, no qual os sujeitos identifiquem os recursos necessários ao enfrentamento e faça uso deles para a defesa dos interesses coletivos; transformando-se de “usuários” em “sujeitos de direitos”.



Mapa 3 – Delimitação geográfica do Bairro Educador Heliópolis.
Fonte: Site Baccarelli, 2025.

²⁴ O projeto Ético-Político profissional consiste em um plano de direção política que orienta a prática dos Assistentes Sociais, construindo uma concepção de mundo, valores e princípios que fundamentam o Serviço Social. Nesse sentido, busca-se uma articulação entre documentos que dão legitimidade à profissão: Código de Ética Profissional de 1993, a Lei de Regulamentação da Profissão (nº8.662/93) e as Diretrizes Curriculares da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS). Esse projeto é fruto de luta e enfrentamento ao longo de toda a história da profissão.

Em concordância com os princípios do Bairro Educador, a educação é peça fundamental para essa prática coletiva, que resgata a subjetividade do sujeito, olha para sua realidade e procura desenvolver mecanismos de luta e potencialidade. Uma educação que não está limitada aos espaços formais de execução, mas busca atuar no caráter popular e diverso, no qual o profissional atua em seu sentido pleno com a consciência e linguagem, a práxis. O concreto pensado e a ação pensada, rompendo com a visão imediata e superficial da realidade permeada de contradições e mediações - individual, particular e universal. Nesse sentido, a prática pedagógica para o Território se manifesta na elaboração de pesquisas, planos e programas em processos e mobilizações coletivas, promovendo o diálogo entre os diferentes atores do Bairro Educador, para que todos assumam sua responsabilidade educativa. O assistente social atua como intelectual orgânico no território - que se coloca na responsabilidade de pensar em concordância com a comunidade atendida -, cuja intervenção é uma mediação política e pedagógica para que a Educação Integral e o direito à cidade sejam veículos de emancipação humana, e não mais ferramentas de controle social ou de adequação do indivíduo à ordem vigente.

A ação do Serviço Social no conceito de Bairro Educador em Heliópolis é um exemplo concreto da aplicação do Projeto Ético-Político da profissão inserido no Território. Atualmente, ela é centralmente mediada pela atuação da UNAS (União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região), principal organização comunitária no local e que tem como premissa transformar Heliópolis em um Bairro Educador, por meio da cidadania e o desenvolvimento integral da comunidade. Nesse contexto, a atuação do assistente social transcende a escola e se insere na rede de proteção social e de lutas comunitárias, promovendo a articulação intersetorial e o protagonismo popular.

Em relação conveniada com a Prefeitura de São Paulo, a UNAS administra diversos equipamentos que contam com a presença direta de assistentes sociais, estruturando uma Rede de Proteção Social ampla que visa a garantia de direitos, como demonstra a tabela abaixo. Para além do que a UNAS propõe e se coloca como administradora principal desses serviços, o Bairro Educador também conta com outros equipamentos que compõem a vida do sujeito em Heliópolis. Ainda que esses outros equipamentos não estejam inseridos na limitação demarcada como o Bairro Educador, é importante considerá-los como elementos dessa visão já que os moradores dessa comunidade transitam entre esses bairros vizinhos. Segue o mapeamento²⁵ abaixo:

²⁵ O mapeamento foi construído pela busca no Porta Transparência da Prefeitura de São Paulo e sites relacionados aos equipamentos apontados acima. A autora dessa pesquisa encontrou dificuldades em constatar com base em



Mapa 4 – O Território Vivo: Bairro Educador.

Fonte: Autoria própria, 2025.

Conforme o mapa construído acima, na tentativa de ilustrar a inserção do Serviço Social no Bairro Educador Heliópolis, segue abaixo os serviços encontrados nesse Território:

referências concretas o quadro de cargos e funcionários de cada serviço, baseando-se majoritariamente na sua experiência com a rede de serviços enquanto estagiária do Serviço Social no Baccarelli; ainda que com suas dificuldades a decisão foi manter o mapeamento a fim de ilustrar com mais qualidade a atuação do Serviço Social no Bairro Educador. A UNAS contém 11 Centro da Criança e do Adolescente, na construção desse mapa foi selecionado apensar um CC para apontar de maneira ilustrativa. Outro apontamento referente a esse mapeamento dá na prática de interlocução do Bairro Educador e Assistente Social em Heliópolis, com o entendimento de que não necessariamente o profissional se coloca comprometido com o Projeto Ético-Político em sua intervenção profissional. O mapeamento além de ter o objetivo de identificar a presença do Serviço Social no Território Heliópolis, levantam a possibilidade de articular as duas categorias na realização profissional em questão. Ou seja, existe a possibilidade do profissional não atuar sob essa perspectiva de trabalho, revelando assim mais uma contradição dessa realidade.

1. Serviço de Assistência Social à Família - Chico Mendes (SASF)

Descrição: Serviço de acompanhamento e monitoramento de famílias que são encaminhadas pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Alguns de seus objetivos: assegurar a redução de descomprimento de condicionalidades dos Programas de Transferência de Renda, sensibilizar grupos comunitários sobre direitos e necessidades de inclusão social e fomentar projetos de inclusão e desenvolvimento local.

Política: Assistência Social

Nível de complexidade: Proteção Social Básica | Centro de Referência da Assistência Social como unidade de referência

Público alvo: Geral

Quantidade: 1

Administração: União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (UNAS)

Endereço: Rua Canção do Exílio, 210 - Jardim Sao Saverio, São Paulo - SP, CEP:04194-290

2. Centros para Crianças e Adolescentes (CCAs)

Descrição: Espaço de convivência que oferece proteção integral para crianças e adolescentes de 6 a 14 anos, trabalhando na prevenção de situações de risco e vulnerabilidade. Também tendo foco em desenvolver de maneira lúdica e didática sua autonomia, protagonismo e cidadania.

Política: Assistência Social

Nível de complexidade: Proteção Social Básica | Centro de Referência da Assistência Social como unidade de referência.

Público alvo: Crianças e Adolescentes

Quantidade: 11

Administração: União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (UNAS)

Endereço: CCA Mina | Rua da Mina Central, 38 - Vila Heliópolis, São Paulo - SP, CEP; 04235-275

3. Núcleo de Proteção Jurídico Social (NPJ)

Descrição: Visa promover a proteção a crianças, adolescentes, indivíduos e familiares, quando vivencia alguma experiência ou estão em situação de risco pessoal e social, como violência física, abandono, violência sexual, trabalho infantil e os mais variados tipos de discriminações.

Política: Assistência Social

Administração: União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (UNAS)

Nível de complexidade: Proteção Social Especial de Média Complexidade | Centro de Referência Especializado da Assistência Social como unidade de referência

Público alvo: Geral

Unidade: 1

Endereço: Rua Taquarichim, 290 – Sacomã

4. Serviço de Proteção Social às Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência - Curumins do Brasil (SPVV)

Descrição: Visa identificar as situações de violência e seus decorrentes riscos a fim de prevenir seus agravos e interromper o ciclo de violência (sexual, exploração infantil, abuso, psicológico, físico...), atendendo crianças e adolescentes de 0 a 17 anos e 11 meses.

Política: Assistência Social

Administração: União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (UNAS)

Nível de complexidade: Proteção Social Especial de Média Complexidade | Centro de Referência Especializado da Assistência Social como unidade de referência

Público alvo: Crianças e Adolescentes

Unidade: 1

Endereço: Rua Xavier Curado, 410 – Ipiranga

5. Centro de Defesa e Convivência da Mulher - Sônia Maria Batista (CDCM)

Descrição: Visa acolher mulheres em situação de violência, por meio de atendimento psicossocial e apoio jurídico. Também é responsável por atuar na prevenção de violência em seu Território de inserção, resgatando a noção de cidadania, fortalecendo vínculos familiares e construindo progressivamente a autonomia dessa mulher, sem necessariamente oferecer Acolhimento Institucional.

Política: Política em Direitos Humanos e Cidadania

Administração: União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (UNAS)

Nível de complexidade: Proteção Social Especial de Média Complexidade | Centro de Referência Especializado da Assistência Social como unidade de referência.

Público alvo: Mulheres

Unidade: 1

Endereço: Rua Gentil de Moura, 598 - Ipiranga, São Paulo - SP, CEP: 04268-000

6. Centro Dia para Pessoa Idosa - Nelson Mandela

Descrição: Atende diariamente pessoas idosas em situação de vulnerabilidade, que apresentam necessitar de suporte de uma equipe multidisciplinar na prestação de cuidados diários, como higiene e alimentação.

Política: Assistência Social

Administração: União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (UNAS)

Nível de complexidade: Proteção Social Especial de Média Complexidade | Centro de Referência Especializado da Assistência Social como unidade de referência.

Público alvo: Pessoas idosas com mais de 60 anos

Unidade: 1

Endereço: Rua Almirante Mariath, 38 - Vila Heliópolis, São Paulo - SP, CEP; 04218-040

7. Medida Socioeducativa em Meio Aberto (MSE-MA)

Descrição: Visa prover atenção socioassistencial e acompanhamento socioeducativo para crianças e adolescentes em meio aberto, como Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade, como foco a assegurar a defesa dos direitos e atenção integral.

Política: Assistência Social

Administração: União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (UNAS)

Nível de complexidade: Proteção Social Especial de Média Complexidade | Centro de Referência Especializado da Assistência Social como unidade de referência

Público alvo: Crianças, Adolescentes e Jovens

Unidade: 1

Endereço: Não encontrado

8. Centro de Referência LGBTQIAPN+ - Edson Nêris

Descrição: Especializados em atendimento à vítimas de LGBTfobia ou em vulnerabilidade, ofertando atendimento multiprofissional de caracter psicossocial, socioassistencial, jurídico e pedagógico). Protegendo os direitos de comunidade LGBTQIAPN+, fortalecimento de vínculos e prevenindo violências.

Política: Política em Direitos Humanos e Cidadania

Administração: União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região (UNAS)

Nível de complexidade: Proteção Social Especial de Média Complexidade | Centro de Referência Especializado da Assistência Social como unidade de referência.

Público alvo: Comunidade LGBTQIAPN+

Unidade: 1

Endereço: Estrada do Campo Limpo, 2690 - Vila Pirajussara

9. Instituto Velho Amigo

Descrição: Organização sem fins lucrativos que atua na promoção de qualidade vida e fortalecimento de vínculo no cuidado a pessoa idosa, gerando dignidade ao processo de envelhecimento por meio de atividades de acolhimentos, como oficinas culturais, musicais e de lazer.

Política: Assistência Social

Administração: Velho Amigo

Nível de complexidade: Proteção Social Básica

Público alvo: Pessoa idosa

Unidade: 1

Endereço: Largo Leon de Tolstoi, 42 - São João Clímaco, São Paulo - SP, CEP: 04241-010

10. Unidade Básica de Saúde (UBS)

Descrição: Porta de entrada ao Sistema Único de Saúde ofertando cuidado contínuo e preventivo à população do seu Território de inserção, ofertando consultas, acompanhamentos, ações de prevenção, tratamentos e entrega de medicamentos.

Política: Saúde

Administração: Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM-PAIS) | Organização Social de Saúde (OSS).

Nível de complexidade: Atenção Primária à Saúde

Público alvo: Geral

Unidade: 3

Endereços:

UBS Sacomã - Estrada das Lágrimas, 1604 - Ipiranga, São Paulo -SP, CEP: 04244-000

UBS Jardim Seckler - Carlos Mauro, 114 - São João Clímaco, São Paulo -SP, CEP: 04240-150

UBS Delamare - Rua Almirante Mariath, 62 - Ipiranga, São Paulo -SP, CEP: 04218-040

11. Unidade de Pronto Atendimento Sacomã (UPA)

Descrição: Serviço de atendimento 24 horas com foco a urgências e emergências, de atenção médica rápida.

Política: Saúde

Administração: Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM-PAIS) | Organização Social de Saúde (OSS).

Nível de complexidade: Rede de Atenção à Urgências e Emergências

Público alvo: Geral

Unidade: 1

Endereço: Estrada das Lágrimas, 1403 - Sacomã, São Paulo -SP, CEP: 04245-000

12. Ambulatório Médico de Especialidade - Heliópolis/ Barradas (AME)

Descrição: Unidade de saúde que oferece consultas, exames e pequenos procedimentos cirúrgicos em diversas especialidades médicas.

Política: Saúde

Administração: Serviço Social da Construção Civil do Estado de São Paulo (Seconci-SP) | Organização Social de Saúde (OSS).

Nível de complexidade: Atenção Secundária à Saúde

Público alvo: Geral

Unidade: 1

Endereço: Avenida Almirante Delamare, 1534 - Vila Heliópolis, São Paulo - SP, CEP: 04230-000

13. Casa do Adolescente Heliópolis

Deescrição: Unidade de saúde focado no atendimento integral e multidisciplinar de adolescentes e jovens, promovendo também a prevenção de agravos na juventude, como gravidez e a transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis, saúde mental e uso de álcool e outras drogas.

Política: Saúde

Administração: Serviço Social da Construção Civil do Estado de São Paulo (Seconci-SP) | Organização Social de Saúde (OSS)

Nível de complexidade: Atenção Primária e Secundária à Saúde

Público alvo: Adolescentes de 10 a 20 anos

Unidade: 1

Endereço: Avenida Almirante Delamare, 1534 - Vila Heliópolis, São Paulo - SP, CEP: 04230-000

14. Hospital Heliópolis

Descrição: Unidade de saúde com a responsabilidade de atender pacientes em situação de urgência, emergência, atenção curativa, ensino, pesquisa e gestão de leitos.

Política: Saúde

Administração: Einstein Hospital Israelita

Nível de complexidade: Atenção Terciária à Saúde

Público alvo: Geral

Unidade: 1

Endereço: Rua Cônego Xavier, 276 - Sacomã, São Paulo - SP, CEP: 04231-030

15. Centro de Atenção Psicossocial AD III Heliópolis (CAPS AD III)

Descrição: Serviço de Saúde Mental da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), com foco em pacientes usuários de álcool e outras drogas, oferecendo um atendimento contínuo de 24 horas e acolhimento noturno.

Política: Saúde

Administração: Prefeitura do Município de São Paulo

Nível de complexidade: Alta Complexidade

Público alvo: Geral

Unidade: 1

Endereço: Avenida Almirante Delamare, 3033 - Vila Heliópolis, São Paulo - SP, CEP: 04230-045

16. Centro de Atenção Psicossocial AD II Sacomã (CAPS AD II)

Descrição: Serviço de Saúde Mental da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), com foco em pacientes usuários de álcool e outras drogas.

Política: Saúde

Administração: Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM-PAIS) | Organização Social de Saúde (OSS).

Nível de complexidade: Média Complexidade

Público alvo: Geral

Unidade: 1

Endereço: Avenida Almirante Delamare, 3033 - Vila Heliópolis, São Paulo - SP, CEP; 04230-045

17. Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil III Heliópolis (CAPS IJ III)

Descrição: Serviço de Saúde Mental da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), com foco em atuação com crianças e adolescentes.

Política: Saúde

Administração: Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM-PAIS) | Organização Social de Saúde (OSS)

Nível de complexidade: Média Complexidade

Público alvo: Crianças e Adolescentes

Unidade: 1

Endereço: Avenida Almirante Delamare, 3033 - Vila Heliópolis, São Paulo - SP, CEP; 04230-045

18. Centro de Convivência e Cooperativa Heliópolis/ Ipiranga (CECCO)

Descrição: Espaço sociocultural aberto para toda a comunidade, responsável por promover inclusão e desenvolver a autonomia de pessoas em sofrimento psíquico por meio de atividades culturais e artísticas.

Política: Saúde

Administração: Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM-PAIS) | Organização Social de Saúde (OSS)

Nível de complexidade: Baixa Complexidade

Público alvo: Geral

Unidade: 1

Endereço: Avenida Almirante Delamare, 3033 - Vila Heliópolis, São Paulo - SP, CEP; 04230-045

19. Instituto Baccarelli

Descrição: Organização sem fins lucrativos com foco em promover educação musical para crianças, adolescentes e jovens, com atuação em três dimensões: educacional, cultural e social.

Política: Cultura, Assistência Social e Educação.

Administração: Instituto Baccarelli

Nível de complexidade: Proteção Social Básica

Público alvo: Crianças, Adolescentes e Jovens

Unidade: 1

Endereço: Estrada das Lágrimas, 2317 - Cidade Nova Heliópolis, São Paulo - SP, CEP: 04245-000

Cada um desses serviços são responsáveis por materializar a proposta das políticas ali atendidas. Inseridas no Território de Heliópolis, contribuem para que o Bairro Educador seja construído e atenda as demandas da favela. Além da possibilidade de trabalho desenvolvido pelo Serviço Social nesses espaços sócio ocupacionais, é interessante chamar atenção para a possibilidade de atuação profissional alinhada aos movimentos sociais do Território, como espaços de luta construídos para fortalecer a comunidade.

Foi a partir desse processo coletivo de luta, através de movimentos sociais, que os moradores de Heliópolis tiveram conquistas significativas na construção do Território; com ambiente de diálogo e tomada de consciência de seus moradores. Fortalecendo sua potencialidade de ampliar e unificar sua voz de luta e enfrentamento frente às violências que atravessam e atravessaram o cotidiano da favela. Uma organização pensada para vincular os sujeitos na participação do Bairro Educador.

Atualmente, a União de Núcleos e Associações de Moradores de Heliópolis e Região conta com sete movimentos de base, construído na perspectiva de levantar as demandas da população segundo a sua vertente e bandeira de luta:

1. Movimento de Mulheres de Heliópolis e Região: Organização entre mulheres, as principais protagonistas da favela de Heliópolis em combate as questões de gênero.
2. Movimento LGBTQIAPN+, o grito da diversidade: Luta em favor da humanização e valorização da população LGBTQIAPN+, em combate a violência e discriminações.
3. Movimento Negro de Heliópolis e Região: Defesa em favor da igualdade étnico-racial e combate ao racismo.
4. Movimento de Juventude, fala jovem!: Promovendo o protagonismo e a participação da juventude na construção do Bairro Educador.
5. Movimento sem teto de Heliópolis e Região: Em defesa a efetivação de política pública habitacionais.
6. Movimento Fé e Política: Reunindo diferente pessoas, o Movimento Fé e Política promove um espaço de reflexão e combate a intolerância religiosa e ao diálogo entre diferentes crenças.
7. Movimento Sol da Paz de Heliópolis: Articulação entre as lideranças comunitárias em ação a Caminha pela Paz.

Os movimentos sociais são espaços propícios de atuação para que o assistente social desenvolva sua atuação alinhado ao Projeto Ético-Político Profissional, uma vez que são expressões notoriamente das demandas e organizações por parte dos sujeitos na luta em defesa aos seus direitos e contra as desigualdades sociais. Também é por meio dessa organização coletiva que o assistente social fortalece a população com vistas a minimizar as expressões da Questão Social à medida que promove ferramentas de equidade e justiça social. Assim, trabalhar em concordância com os movimentos de base permite que o assistente social conheça a realidade do Território de uma maneira mais profunda e contextualizada, analisando e intervindo diretamente sobre ela de modo mais efetivo e contextualizado.

Nesse sentido, atuar na perspectiva de um Bairro Educador torna a intervenção do assistente social mais propositiva, criativa e atenta à vida no Território. Entendendo-o como um ambiente múltiplo, diverso e de inúmeras possibilidades alinhadas ao interesse de seus sujeitos. Articulando para que todos se coloquem como responsáveis pela manutenção, acesso e construção de um bairro que propõe ensinar, educar, ouvir e acolher no chão do cotidiano e para além dos muros da escola.



Fotografia – Serviço Social Baccarelli na Caminhada Pela Paz 2025.

Fonte: Autoria própria, 2025

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo dessa pesquisa foi buscar compreender a articulação entre o Serviço Social e a proposta de Bairro Educador em Heliópolis, numa tentativa de alinhar o conceito na perspectiva trabalhada e desenvolvida na profissão. Esse estudo exigiu o resgate da percepção de Território e a história dinâmica que dão bases e características à formação do Bairro Educador. Em resposta à pergunta norteadora que instigou este estudo, considera-se que existe uma atuação profunda e intrínseca na relação do Serviço Social e Bairro Educador; o assistente social atuando nessa perspectiva se coloca em um campo estratégico que lhe permite aplicar os princípios estabelecidos na proposta do Projeto Ético Político profissional.

Configura-se uma área de atuação que se articula para fortalecer a capacidade política de seus usuários, construir sua dimensão territorial e atuar na perspectiva de vincular os sujeitos aos seus direitos. Heliópolis, antes mesmo de ser construída, é fruto de violências, de ausências da ação estatal que priorizava o interesse de classes mais abastadas e que, conseqüentemente, colocam determinados segmentos sociais em contexto de marginalização. Sem apoio integral de seus governantes, enxergavam não só suas necessidades individuais, como também as coletivas, e a partir disso se posicionaram em solidariedade e força para lutar frente às demandas urgentes que ali se manifestavam.

À medida que suas demandas de prioridade foram conquistadas, como o direito à moradia digna, alimentação de qualidade e serviços de saúde, outras passaram a surgir e também foram entendidas como questões prioritárias às suas vivências. A violência urbana - de policial para sujeito, de homens para com as mulheres, de sujeito para sujeito, a presença do tráfico, a matança generalizada de adolescentes e jovens - foi um dos embasamentos que moveu a população a caminhar no sentido de construir o Bairro Educador. A prática do esperar, como escreve Freire (1992), torna a esperança de um amanhã melhor através da prática, não somente de uma idealização passiva.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperança é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo (FREIRE, 1992).

O Território, como espaço usado pela lógica de Milton Santos, é o lugar de vivências, realidades, que não se coloca como um cenário apático mas em concordância com o sujeito que nele constrói sua identidade. Esse Território é erguido por seus moradores e figuras centrais

surtem para unificar essa luta, como o professor Braz Nogueira que articula uma proposta de educação vinculada às demandas dos moradores. Nesse momento, a escola passa a ser o espaço central, o farol da comunidade que rompe com barreiras e muros não só físicos como também ideológicos.

Nesse sentido, compreende-se que construir um Bairro Educador é enxergar a educação sob uma perspectiva social, para além de questões pedagógicas trabalhadas em sala de aula. A verdadeira sala de aula é o Território que se coloca na proposta de ensinar, em conjunto com os seus sujeitos, desde professor, ao médico, ao assistente social, a avó, ao educador do Centro da Criança e do Adolescente, ao vizinho, ao colega de sala. Assim, o Serviço Social possui fundamentos que andam em concordância com essa perspectiva, uma vez que se compromete em analisar a totalidade do sujeito, atuando no Território a partir de vivências e experiências do usuário visando o enfrentamento das expressões das desigualdades sociais refletidas na realidade. É no Território que a questão social se manifesta, onde todas as organizações se põem como agentes educadores e onde existe a possibilidade de articulação e fortalecimento das redes de proteção.

Atualmente, o Serviço Social está em diversos campos em Heliópolis, seja na política de assistência, saúde ou cultura, seu compromisso se volta a buscar pelo atendimento integral do sujeito fazendo frente à intersetorialização dos serviços prestados, correspondendo à complexidade da realidade social. Assim, o assistente social atua como uma figura central de articulador, mediador e linha de costura dessa rede de proteção visando a emancipação do sujeito, na busca pelo acesso aos direitos, autonomia e fortalecimento da consciência de cidadania, com participação e protagonismo comunitário.

O desafio que permanece no Bairro Educador está na desmistificação da profissão, pois diversos são os preconceitos relacionados ao Assistente Social, seja visto como assistencialista, benfeitor ou alguém frio e burocrático, o profissional deve mostrar em seu espaço sócio-ocupacional a importância de sua inserção. Como alguém especialista em analisar e estudar as expressões da Questão Social e intervir sobre ela na perspectiva e direção de acesso ao direito da classe trabalhadora; processo esse que pode ser realizado em conjunto com a população, à medida que se reconhece como sujeito de direitos.

A metodologia para esse estudo se limitou à busca investigativa no campo bibliográfico e, nesse sentido, entende-se que para um maior aprofundamento da temática se faz interessante e, possivelmente, mais completo, o contato direto com profissionais que atuem no Território sob a lógica do Bairro Educador, materializando as considerações aqui apresentadas por meio do seu relato vivo. Em suma, viver o Bairro Educador é estar cercado de pessoas que se

enxergam como sujeitos participantes, que se dispõem a ensinar, articular, desenvolver e aplicar novas ideias orientados pela perspectiva de construir um Território Vivo.

REFERÊNCIAS

ADÃO, Claudia Rosalina. **Territórios de vida: resistências, existências e produção de cuidado por mulheres negras**. 2023. 199 f. Tese (Doutorado em Habitat) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

AGÊNCIA BRASIL. **Pesquisa traça perfil de moradores de Heliópolis e Paraisópolis**. Brasília, DF: EBC, 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-11/pesquisa-traca-perfil-de-moradores-de-heliopolis-e-paraisopolis>. Acesso em: 22 maio 2025.

AIETA, Vânia Siciliano; ZUIN, Aparecida Luzia Alzira. Princípios Norteadores da Cidade Educadora. **Revista de Direito da Cidade**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 193-232, abr. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/rdc/article/view/9717>. Acesso em: 4 set. 2025.

ALVES, Antônia Cleide et al. (Org.). **Onde antes só havia chão: a história como possibilidade no Bairro educador, Heliópolis**. Rio de Janeiro: Synergia, 2022. 144 p. Disponível em: <https://synergiaeditora.com.br/wp-content/uploads/2023/04/ONDE-ANTES-SO-HAVIA-Interativo-R-1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2025.

AME BARRADAS. **Ambulatório Médico de Especialidades**. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://www.amebarradas.org.br/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CIDADES EDUCADORAS. **Cartas das Cidades Educadoras**. Barcelona, 2020. Disponível em: https://www.edcities.org/wp-content/uploads/2020/11/PT_Carta.pdf. Acesso em: 4 set. 2025.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CIDADES EDUCADORAS (AICE). **Lista das cidades associadas**. Barcelona, [2024]. Disponível em: <https://www.edcities.org/pt/lista-das-cidades-associadas/>. Acesso em: 25 set. 2025.

BARROCO, Maria Lucia Silva. **Código de Ética do/a Assistente Social comentado**. Organizado por Maria Lucia Silva Barroco, Sylvia Helena Terra; Conselho Federal de Serviço Social - CFESSS. São Paulo: Cortez, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Rede de Atenção Psicossocial (RAPS)**. Brasília, DF, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/desmad/raps>. Acesso em: 15 nov. 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Brasília, DF: MDS, 2014. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf. Acesso em: 15 nov. 2025.

CARAMANTE, A. Mapa comprova que ‘Figueira das Lágrimas’, árvore mais antiga de SP, estava no caminho do Dom Pedro I até o Ipiranga. **G1 São Paulo**, São Paulo, 01 set. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/09/01/mapa-comprova-que-figueira-das-lagrimas-arvore-mais-antiga-de-sp-estava-no-caminho-de-dom-pedro-i-ate-o-ipiranga.ghtml>. Acesso em: 2 out. 2025.

CARTA CAPITAL. **Gestão Nunes recua e suspende afastamento de diretores em 25 escolas de SP**. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/gestao-nunes-recua-e-suspende-afastamento-de-diretores-em-25-escolas-de-sp/>. Acesso em: 25 set. 2025.

CAU/BR. **Arquitetura Social: o mal-entendido que levou Ruy Ohtake a Heliópolis em São Paulo**. In: ArchDaily Brasil, 12 nov, 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/896166/arquitetura-social-o-mal-entendido-que-levou-ruy-ohtake-a-heliopolis-em-sao-paulo#:~:text=Em%202003%2C%20uma%20revista%20publicou,em%20S%C3%A3o%20Paulo%20%C3%A9%20Heli%C3%B3polis%E2%80%9D..> Acesso em: 25 set. 2025.

CHAUÍ, Marilena. **Sobre violência**. São Paulo: Autêntica, 2017.

CRUZ, Arlindo. **Meu nome é favela**. In: Youtube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fK3-ZtUT-RI>. Acesso em: 15 abr. 2025.

DICIONÁRIO DE FAVELAS MARIELLE FRANCO. **Heliópolis**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://wikifavelas.com.br/index.php/Heli%C3%B3polis>. Acesso em: 23 set. 2025.

DINIZ, Rodrigo. **Territórios, Classes e Experiências: As dobraduras do espaço e tempo nas trajetórias de vida**. 2021. [Nº total de f.] f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

ESCOLA CAMPOS SALLES. **Histórico da Escola**. [S.l.], 2015. Disponível em: <https://campossalles.wordpress.com/historico-da-escola/>. Acesso em: 23 set. 2025.

FANTON, Hugo. **Heliópolis**. In: Dicionário de Favelas Marielle Franco, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://wikifavelas.com.br/index.php/Heli%C3%B3polis>. Acesso em: 22 maio 2025.

FRANÇA, Wallace; CAVALCANTE, Douglas. **26º Caminhada Pela Paz de Heliópolis**. In: UNAS – União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região, [São Paulo], 10 jun. 2024. Disponível em: <https://www.unas.org.br/single-post/26-caminhada-pela-paz-de-heliopolis>. Acesso em: 15 nov. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

———. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA (São Paulo). **Heliópolis Bairro Educador: por uma articulação intersetorial na comunidade**. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2011.

GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto; CABEZUDO, Alicia (Org.). **Cidade educadora: princípios e experiências**. São Paulo: Cortez, 2004.

G1. **IBGE volta a usar o termo favela nas pesquisas e no Censo**. G1, 23 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/01/23/ibge-favela.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2025.

G1 SÃO PAULO. **Entenda porque diretores da rede municipal de SP foram afastados, quais os indicadores utilizados e as críticas à medida**. São Paulo, 25 maio 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/educacao/noticia/2025/05/25/entenda-por-que-diretores-da-rede-municipal-de-sp-foram-afastados-qualis-os-indicadores-utilizados-e-as-criticas-a-medida.ghtml#4>. Acesso em: 25 set. 2025.

IBGE. **Favelas e Comunidades Urbanas**. [S.l.]: IBGE, 23 jan. 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=resultados>. Acesso em: 13 abr. 2025.

INSTITUTO BACCARELLI. **Heliópolis**. [São Paulo], 2024. Disponível em: <https://baccarelli.org.br/nucleos/heliopolis/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: Panorama**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

———. **Censo Demográfico 2022: Favelas e Comunidades Urbanas – Resultados do Universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102134.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2025.

INSTITUTO VELHO AMIGO. **Múltiplas velhices mesma dignidade**. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://velhoamigo.org.br/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

KOGA, Dirce. **Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos**. São Paulo: Cortez, 2018.

LARA, Fernão. **Modernização e desenvolvimentismo: formação das primeiras favelas de São Paulo e a favela do Vergueiro**. 2012. 373 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LARA, Ivone; CARVALHO, Hermínio Bello de. Alguém me avisou. In: LARA, Dona Ivone. **Alguém me avisou**. [S.l.]: EMI-Odeon, 1980. 1 CD. Faixa 1.

MESQUITA, Vagner Luiz Belchior. **Práticas escolares frente à violência policial no território da Maré**. 2022. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

MUSEU HELIÓPOLIS. **Bairro Educador**. [São Paulo], 2021. Disponível em: <https://museuheliopolis.unas.org.br/bairro-educador/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

OLIVEIRA, Caroline. Ricardo Nunes afasta 25 diretores da rede municipal de SP e comunidade escolar fala em ‘intervenção’. **Brasil de Fato**, São Paulo, 23 maio 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/05/23/ricardo-nunes-afasta-25-diretores-da-rede-municipal-de-sp-e-comunidade-escolar-fala-em-intervencao-na-educacao/>. Acesso em: 25 set. 2025.

PAULINO, Jorge. **O pensamento sobre a favela em São Paulo: uma história concisa das favelas paulistanas**. 2007. [Nº total de f.] f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde-17052010-111743/>. Acesso em: 5 abr. 2025.

RAMOS, Marina Becerril Régias. Interações entre atores e transformações de políticas públicas o caso da implementação do CEU Heliópolis. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 21. **ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR: Ideais, Políticas e Práticas em Territorialidades do Sul Global**, 2025, Curitiba. Curitiba: ANPUR, 2025. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enanpur/2025/TRABALHO_CORRECAO_COM_IDENT_EV212_MD1_ID2918_TB1331_18032025094140.pdf. Acesso em: 18 set. 2025.

SALA, Laila. **A construção da luta e suas gentes: o bairro educador he Heliópolis e região. Caderno 1: os cinco princípios**. São Paulo: UNAS, 2022. Disponível em: https://proec.ufabc.edu.br/images/projetos/projetos-2022/A_constru%C3%A7%C3%A3o_da_luta_e_de_suas_gentes_o_Bairro_Educador_de_Heli%C3%B3polis_e_Regi%C3%A3o_C1-compactado.pdf. Acesso em: 7 ago. 2025.

———. **A rua é nós! A formação é mobilizadora, a mobilização é formadora. Caderno 2: Movimento Sol da Paz**. São Paulo: UNAS, 2022. Disponível em: https://proec.ufabc.edu.br/images/projetos/projetos-2022/A_rua_%C3%A9_n%C3%B3is_A_forma%C3%A7%C3%A3o_%C3%A9_mobilizador_a_a_mobiliza%C3%A7%C3%A3o_%C3%A9_formadora_C2_1.pdf. Acesso em: 7 ago. 2025.

SANTIS, Marília de. **De favela a bairro educador: o protagonismo comunitário em Heliópolis**. 2014. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2014.

SANTOS, Ivone Laurentino dos et al. (Org.). **Direitos humanos e educação hoje**. Deefield Beach, FL: Pembroke Collins, 2025. 400 p.

SANTOS, Lucas; PEREIRA, Ana Paula; PEREIRA, Rodrigo. **A construção da luta e de suas gentes: o Bairro Educador de Heliópolis e Região**. 2022. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em [Área]) - Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do ABC, Santo André, 2022. Disponível em: https://proec.ufabc.edu.br/images/projetos/projetos-2022/A_constru%C3%A7%C3%A3o_da_luta_e_de_suas_gentes_o_Bairro_Educador_de_Heli%C3%B3polis_e_Regi%C3%A3o_C1-compactado.pdf. Acesso em: 7 set. 2025.

SANTOS, Milton. O Dinheiro e o Território. **GEOgeophia**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 7-13, set. 2009. Acesso em: 21 maio 2025.

———. **O território e o fio da navalha**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

———. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M. A. dos. A verdadeira história do samba “Zé do Caroco”. **Diário da Região**, [Rio Preto], 29 nov. 2018. Disponível em: <https://www.diariodaregiao.com.br/cidades/a-verdadeira-historia-do-samba-ze-do-caroco-1.179862>. Acesso em: 2 out. 2025.

SANTOS, Sabrina Oliveira. **Da luta pelo solo urbano à luta pelo direito à cidade: A formação de Heliópolis e da UNAS Heliópolis e Região em perspectiva histórica**. 2024. 188 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Políticas Públicas) - Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2024.

SANTOS, Sabrina Oliveira et al. (Org.). **Renda digna em Heliópolis: o que os moradores de Heliópolis pensam ser necessário para que se tenham um padrão de vida digno**. 3. ed. São Paulo: UNAS – União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região, 2025.

SÃO PAULO (Município). Prefeitura. Controladoria Geral do Município. **Contratos, Convênios e Compras Públicas**. In: Portal da Transparência da Prefeitura de São Paulo. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://transparencia.prefeitura.sp.gov.br/contratos-convenios-e-compras-publicas/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

SÃO PAULO (Município). **Prefeitura de São Paulo**. [São Paulo], [s.d.]. Disponível em: <https://prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

SCHNEIDER, José Osvanil Ramos. **Projeto Bairro Educador: uma visão de gestão e política pública para Heliópolis**. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Políticas Públicas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008.

SILVA, Jailson de Souza e et al. (Org.). **O que é a favela, afinal?**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009. Disponível em: https://www5.pucsp.br/ecopolitica/downloads/1_D_2009_O_que_favela_afinal.pdf. Acesso em: 17 abr. 2025.

UNAS - União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região. **Heliópolis - maior favela de São Paulo**. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.unas.org.br/heliopolis>. Acesso em: 22 maio 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC. **Tramas Urbanas América Latina**. Santo André, SP, 2025. Disponível em: [link suspeito removido]. Acesso em: 18 maio 2025.

UOL. **Paraisópolis ou Heliópolis? Título de maior favela de SP tem polêmica**. São Paulo: UOL, 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/11/09/paraisopolis-heliopolis-qual-maior-favela-sao-paulo.htm>. Acesso em: 13 abr. 2025.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem à favela. com**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.